

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Michelle Sabrina Leite Apolinario

A trajetória da formação de uma docente Surda

**Taubaté - SP
2019**

Michelle Sabrina Leite Apolinario

A trajetória da formação de uma docente Surda

Trabalho de Curso apresentado para obtenção do Certificado Graduação pelo Curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Área: Educação

Orientador: Profa. Ms. Viviane Galvão Botelho Neves

Taubaté - SP

2019

SIBi - Sistema Integrado de Bibliotecas – UNITAU

A643t Apolinário, Michelle Sabrina Leite
A trajetória da formação de uma docente surda / Michelle
Sabrina Leite Apolinario. -- 2019.
90 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Pedagogia, 2019.
Orientação: Profa. Ma. Viviane Galvão Botelho Neves,
Departamento de Pedagogia.

1. Educação de surdos. 2. Formação inicial. 3. Docente surda.
4. Relação intercultural. 5. Trajetória acadêmica. I.Título.

CDD – 371.9

Michelle Sabrina Leite Apolinario

A trajetória da formação de uma docente Surda

Trabalho de Curso apresentado para obtenção do Certificado Graduação pelo Curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Área: Educação

Orientador: Profa. Ms. Viviane Galvão Botelho Neves

Data: ____/____/____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Viviane Galvão Botelho Neves

Assinatura _____

Universidade de Taubaté

Profa.Dra. Suelene Regina Donola Mendonça

Assinatura _____

Universidade de Taubaté

Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa

Assinatura _____

Universidade de Taubaté

Dedicatória

Dedico este Trabalho de Graduação a todos os Surdos do Vale do Paraíba, pois nesta região percebo que faltam professores Surdos, assim, com minha formação como docente Surda quero estimular as crianças do meu povo a aprenderem e se desenvolverem mais, pois percebo que com a minha experiência, muitas coisas mudaram em minha vida.

Estou me formando Pedagoga e gostaria de ofertar um presente aos Surdos, para que todos conseguissem cursar uma graduação na universidade e conquistassem um futuro melhor. Precisamos apoiar aos professores Surdos do Vale do Paraíba!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jeová Deus pela vida, por sempre me proteger, pois, durante o curso me protegeu no trajeto de Pindamonhangaba/Taubaté e durante a volta. Me proporcionou saúde e me ofereceu esta grande oportunidade de conseguir o acesso e conclusão do curso de Pedagogia, bem como a oportunidade de realizar o estágio e participar de um projeto de extensão.

À minhas queridas mãe e irmã mais nova, por toda paciência comigo, porque quase todos os dias, quando eu chegava em casa irritada ou nervosa, discuti com elas sem motivos, mas creio que elas me compreendem por tantas atividades, estágio e vivendo uma vida de loucuras.

À minha avó, da qual senti muita saudade, pois não tinha tempo para visita-la, porém ela me compreendeu, sabia dos meus compromissos e me dizia: “Vá! Continue seus estudos e trabalho, nunca desista!”

À minha família por ficarem muito felizes por verem os meus esforços para os estudos, pois até aqui, minha vida não foi fácil. Quase desisti de estudar por questões financeiras, já que moro com minha mãe e irmã e ajudo com as despesas, por isso, por um tempo, foi extremamente difícil administrar os recursos para os estudos e para colaborar com a minha casa.

À Fundação Lucia e Pelerson Penido - FLUPP, representada pela Eduarda, que me ajudou neste momento tão difícil, financiando parte dos meus estudos, além disso, sempre manteve contato comigo para saber como estavam os meus estudos, estágio e formações em cursos. Também me ofereceu a oportunidade de participar de um Congresso de Boas Práticas, bem como um Seminário da Educação Infantil, foram oportunidades de adquirir grandes conhecimentos e experiências.

À minha querida Viviane Galvão Botelho Neves, a qual temos uma grande amizade, além de ser minha intérprete de Libras por 6 anos, sempre estando comigo durante todo este período. Você é um presente que está em meu coração e tem grande valor para mim, pois sempre me aconselhou, me deu atenção, me ajudou, muitas coisas boas que surgiram em minha vida foi por ter me estimulado, aprendi muito com todos estes anos de experiência neste relacionamento. Um dia briguei com você, mas agiu com grande paciência comigo, sempre compreendeu meus motivos, me proporcionou alívio ao ouvir os meus desabafos e de todas as formas me ajudou. Muito obrigada, minha querida!

À diretora Roseli Albino, a quem dou muito valor! É uma pessoa especial para mim e para o Marcelo, pois sempre se preocupou com a nossa acessibilidade, sendo Surdos, sempre apoiou

a mim e ao Marcelo. O que precisássemos, ela estava presente para resolver e ajudara nós dois. Nos sentimos muito felizes por tudo que fez para nós. Muito obrigada, nunca vou te esquecer!

Aos professores, meus colegas e funcionários da secretaria do Departamento de Pedagogia, os quais sempre me apoiaram, sempre agiram com muito respeito, educação e bom relacionamento. Foi muito bom! Sempre vou me lembrar de todos que marcaram a minha vida na Pedagogia da UnitaU.

Ao meu amigo o Marcelo Gabriel Santos, pois nós dois interagimos e aprendemos muitas novidades juntos, embora brigássemos, logo voltávamos a conversar, resolvíamos tudo bem rápido e nunca nos separamos em nossa amizade, pois aprendi muito com você nas experiências por termos culturas diferentes. Agradeço a você por ter grande paciência comigo, com a minha grande dificuldade na escrita do Português, e nisto, sempre me ajudou. Por outro lado, também ensinei a você um pouco mais da Libras e no uso de expressões faciais e corporais, este contato foi muito importante para adquirirmos novos aprendizados. Sentirei saudades de você e da Viviane, pois estávamos os três sempre juntos.

Agradeço à Verônica por ser minha dupla no início do Trabalho de Graduação. Depois decidimos nos separar porque escolhi um outro tema, mas você me compreendeu e me ajudou muito pois, ao encontrar alguns autores que você achava combinar com o meu TG, se lembrava de mim e me enviava. Fiquei muito feliz por termos ido juntas ao Congresso Internacional do INES – Coines, onde você adquiriu bastante conhecimento sobre as diferenças da cultura surda. Quero vê-la continuar estes estudos e aprendizados da Libras, muito obrigada Verônica!

Agradeço à Tamara Aparecida de Souza por sempre me apoiar e ajudar realizando a tradução e interpretação de Libras no projeto de extensão que participamos e em qualquer lugar, sempre que eu precisei você fez tudo para me ajudar, muito obrigada! Espero que continue assim, intérprete de Libras para outras pessoas que precisarem, vou ficar muito orgulhosa de você!

Agradeço aos meus queridos colegas do projeto de extensão, bolsistas do projeto “Ética e Inclusão escolar: Falando com as mãos”, os quais sempre me apoiaram e interagiram muito comigo. Aprendi muitas coisas com vocês e nunca os esquecerei, pois marcaram a minha história e estarão sempre em minhas lembranças, coisas boas devem ser guardadas no coração, assim, vocês também estão lá.

Agradeço à minha intérprete e orientadora por realizar a tradução de minhas provas, atividades e este Trabalho de Graduação, pois a língua portuguesa é minha segunda língua, agradeço por ter muita paciência e compreensão em relação à minha língua.

"Estes aceitaram o fato de eu ser Surda e me enxergavam como igual por ser humana e apenas diferente pela minha língua, assim me respeitaram e houve inclusão nestas relações entre ouvintes e Surda, de uma forma natural."

Michelle Apolinario

RESUMO

Pouco se sabe sobre a formação de docentes Surdos, pois há escassez de pesquisas relacionadas a esta temática, especialmente quando se trata do protagonismo Surdo nestas discussões. O objeto deste trabalho foi a trajetória da formação de uma docente Surda, apresentado por um memorial formativo, feito por análises dos registros que fiz durante seis anos em meu diário de campo, desde o ensino médio até a conclusão do ensino superior. Durante este período de registros percebi que a maioria dos Surdos não tem formação para professor no Vale do Paraíba, e considero que a formação em licenciatura é também uma oportunidade para a sociedade conhecer a cultura Surda a qual os ouvintes não têm pleno acesso. Assim, objetivou-se refletir sobre a trajetória da formação de uma docente Surda no curso de licenciatura em Pedagogia e descrever os pontos principais que contribuíram para esta formação docente. Boa parte dos ouvintes não tem o conhecimento sobre a Libras e não tem contato e comunicação com os Surdos, grupo que sofre, dentre outras questões, por falta de comunicação e acesso à formação. Com vistas a encorajar outros Surdos da região a persistirem nos estudos, realizei este trabalho narrando minhas experiências na trajetória de formação docente, destacando pontos marcantes deste período, tais como a oportunidade de ingressar no ensino superior; as formações extracurriculares que participei durante este período, assim como os eventos para os quais fui convidada a participar ou para palestrar; por fim minhas experiências no estágio em uma escola particular e na participação de um projeto de extensão universitária; buscando identificar as transformações mais significativas que ocorreram no processo de aquisição do conhecimento teórico-prático durante os estudos e estágio. Acredito que este trabalho irá contribuir para novas reflexões, uma vez que, ao pesquisar, percebi que as pesquisas científicas pouco abordam a formação de docentes Surdos, portanto pretendo com a divulgação deste trabalho, encorajar Surdos a buscarem formação acadêmica em nível superior.

Palavras-chave: Educação de Surdos, Formação Inicial, Docente Surda, Relação intercultural, Trajetória acadêmica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1.....	11
O PRINCÍPIO DE TODAS AS COISAS.....	11
CAPÍTULO 2.....	28
AULAS, FORMAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS.....	28
2.1- AULAS DA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA.....	28
2.2- PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS.....	40
2.3- FORMACÕES DURANTE O CURSO.....	47
CAPÍTULO 3.....	62
EXPERIÊNCIAS COMO ESTAGIÁRIA E BOLSISTA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	85

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Gincana da E.E. Dr. Alfredo Pujol- 1ºF	16
Figura 2-Primeiro dia prova de matemática	17
Figura 3- Cartão para diretoria	18
Figura 4- Homenagem dia do Surdo	19
Figura 5- Meus colegas participação a música em Libras	19
Figura 6- Dia do Surdo- Praça Monsenhor Marcondes Centro, Pindamonhangaba – SP	19
Figura 7- Dia do Levito- Escola Pública Estadual Alfredo Pujol Doutor, Pindamonhangaba- SP	22
Figura 8- Primeira Oradora Surda do Ensino Regular na Região - 2015	26
Figura 9--Meus colegas e eu apresentamos o hino da escola Dr. Alfredo Pujol em Libras	26
Figura 10- Aula de Metodologia -Educação Física	33
Figura 11- Aula de Libras em grupo	34
Figura 12- Trabalho em grupo Monteiro Lobato	34
Figura 13- Trabalho em Grupo- Geografia	35
Figura 14- Trabalho em Grupo- Ciência	35
Figura 15- Trabalho em grupo- Língua Portuguesa II	36
Figura 16-Mesa redonda- Pedagogia	41
Figura 17- Anúncio do Setembro azul 2017	42
Figura 18- Anúncio do Setembro azul 2018	42
Figura 19- Anúncio do Setembro azul 2019	42
Figura 20- Projeto de extensão 2018	45
Figura 21- Bolsista do projeto e voluntários 2019	45
Figura 22-Protagonismo do Surdo- IFCJ	46
Figura 23- Curso de formação na FENEIS	48
Figura 24- Contação de História	51
Figura 25- Piquenique Literário	52
Figura 26- Hora de lanche	52
Figura 27- Diversidade e Inclusão na Escola: a voz do diferente	53
Figura 28- Intérprete de Libras- Viviane Galvão	55
Figura 29- Intérprete de Libras- Sandra Vitoriano	55
Figura 30- 8º Seminário de Educação Infantil do Vale do Paraíba: O infantil é Fundamental ...	56
Figura 31- Aula de yoga	57
Figura 32- - Aula de Yoga- interprete de Libras	57
Figura 33- - Aula de Yoga- interprete de Libras	57
Figura 34- Eu, o Marcelo, Sandra, Viviane e Eduarda- Seminário da Educação Infantil	58
Figura 35- Coordenadora Viviane e Bolsista Verônica- COINES	60
Figura 36- Surdo França, interprete de Libras e Língua Americana de Sinais	61
Figura 37- Primeira ida na escola	63
Figura 38- Projeto Ética e Inclusão escolar- 2017	64
Figura 39- Intérprete de Libras explicando sobre interpretar voz da Michelle	65
Figura 40- G1- Região do Vale do Paraíba	68

Figura 41- Portal de Notícias- UNITAU.....	68
Figura 42- Sinal de água em Libras.....	70
Figura 43- Menina me pedindo para beber água.....	70
Figura 44- Menina ajudando seu amigo.....	73
Figura 45- Roda de conversar.....	73
Figura 46- Reunião projeto de extensão com a coordenadora.....	74
Figura 47- Teatro- história da minha vida.....	75
Figura 48- Aula de Libras na Educação Infantil.....	77
Figura 49- Mímica para cachorro.....	80
Figura 50- Sinal de cachorro visto de frente.....	80
Figura 51- Sinal de cachorro visto de perfil.....	80
Figura 52- Mensagem da minha gestora.....	81

INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Graduação busco resgatar memórias de minha vida, e em especial sobre minha trajetória de formação docente, porém com uma diferença linguística e cultural, pois nasci Surda, sendo filha de pais ouvintes, meu irmão mais velho e minha mais nova são ouvintes, porém meus pais descobriram que sou Surda aos oito meses. Esta descoberta se deu porque o meu pai é grande apreciador da música, por isso, sempre ouvia o rádio, certa vez, quando eu estava dormindo, meu pai aumentou muito o volume do rádio, pensou que eu acordaria assustada, entretanto para sua surpresa continuei dormindo, então ele e minha mãe estranharam meu sono tranquilo, apesar do grande barulho, até que, minha mãe tocou em mim e acordei chorando. Ao me levarem para uma consulta médica, diagnosticaram que eu não tinha o ouvido interno, portanto, não ouvia.

Embora, após todo o choque que eles passaram, mesmo que o médico os tivesse informado que eu apenas não ouvia, pensaram em como fariam, uma vez que não sabiam como poderiam se comunicar comigo, afinal não conheciam a Cultura Surda, pois ninguém os informou com esta ótica cultural e meu pai tinha medo de eu ser incapaz, já que não me via com alguém diferente, mas aquela para quem algo lhe faltava, deste modo a ótica do preconceito imperava. Após ser atendida por quatro meses por uma fonoaudióloga na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Pindamonhangaba – APAE, ela orientou minha mãe a me matricular na Escola Municipal de Educação Especial Madre Cecília em Taubaté, onde dispunha de atendimentos profissionais, como fonoaudióloga, psicóloga e onde eu poderia adquirir a língua de sinais, pois lá tinha um professor com Deficiência Auditiva – D.A.

Aos quatro anos pude ter o contato com amigos surdos e por meio desta interação, em um mês aprendi a Língua Brasileira de Sinais – Libras e lá minha mãe também estudou em um curso desta língua, para se comunicar comigo, buscando informações sobre a Cultura Surda, a qual imergi rapidamente, por estar inserida em uma comunidade. Meus professores diziam que eu era muito inteligente, visual, esperta e extremamente curiosa. No entanto para o treino da fala oral eu não obtive esta mesma rapidez, era um processo demorado, complicado e cansativo e para mim não fazia sentido, pois eu já tinha escolhido a minha língua de conforto, a Libras, muito embora compareci a estes treinos até o início da minha adolescência, sem obter sucesso.

Percebi muito rápido que a Libras é a minha língua pois, a adquiri rapidamente na interação com crianças Surdas e um professor, que era D.A. mas sabia a língua de Sinais.

Explanei acima sobre uma das minhas motivações pessoais para este Trabalho de Graduação, o meu processo de aquisição da Libras e acesso à educação. O outro, trata-se da minha percepção que muitos Surdos do Vale do Paraíba não têm acesso à formação em ensino superior, deste modo sendo relevante destacar a capacidade dos surdos de cursarem uma graduação ou estudarem em quaisquer níveis escolherem.

Diante deste panorama, emergem os seguintes questionamentos, como acontece a formação de um docente Surdo no Curso de Pedagogia? Quais as contribuições de um projeto de extensão intercultural (Surdos/Ouvintes) para a formação docente?

A fim de buscar as respostas para tais questões, recorri aos meus diários de campo, para selecionar os momentos que contemplavam esta pesquisa e os analisei, buscando fundamentação teórica para sustentar as reflexões sobre a prática, neste interim, objetivei refletir sobre a trajetória de formação de uma docente Surda no curso de licenciatura em Pedagogia, para tanto, foi necessário descrever os pontos principais que contribuíram para a formação docente Surda e identificar as transformações mais significativas que ocorreram no processo de aquisição do conhecimento teórico-prático durante os estudos e estágio.

Considera-se que muitas foram as contribuições ocorridas neste processo de formação docente no curso de Pedagogia, dentre os quais destaco a participação no projeto de extensão universitária, no qual trabalhávamos temas relacionados à inclusão nas escolas municipais com uma perspectiva bilíngue (Libras/ Língua Portuguesa), assim, além do aprendizado com as crianças, os universitários que entraram sem saber a Libras, finalizaram conseguindo se comunicar bem, sendo que uma delas conseguia interpretar minha voz nos momentos que eu protagonizava as atividades.

Espero que este trabalho contribua para quem busca pesquisas sobre docentes Surdos, além de acreditar que este estudo poderá encorajar outras pessoas Surdas a prosseguirem em seus estudos.

CAPÍTULO 1

O PRINCÍPIO DE TODAS AS COISAS

Minha primeira experiência em escola inclusiva com ouvintes foi na Escola Pública Estadual Ryoiti Yassuda em Pindamonhangaba, cidade localizada no interior do Estado de São Paulo, porém, neste período ainda não tinha intérprete de Libras para que eu tivesse acesso linguístico para os aprendizados em sala de aula. Foi no início de 2005 e no mesmo ano, exatamente no dia 22 de dezembro, aconteceu a regulamentação da Lei Nº 10.436/02 (que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como língua) por meio do Decreto Federal Nº 5.626/05, trazendo transformações significativas para todas as esferas da vida das pessoas Surdas, inclusive na educação, conforme disposto no Capítulo VI do referido Decreto no seguinte trecho:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de: I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005)

A principal transformação foi a determinação da garantia da presença de tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa em todas as atividades escolares dos alunos Surdos, porém, não foi uma mudança instantânea. Neste ano eu estava na primeira série do Ensino Fundamental e, na verdade, como não tinha intérprete, alguns colegas que sabiam o alfabeto manual se comunicavam comigo, e eu sempre usava a leitura labial que aprendi nos atendimentos fonoaudiológicos, além disso, sempre comparecia no contraturno, à tarde, na sala de recursos, provido pela equipe de educação especial da Rede Estadual.

Nesta sala, eu levava o meu caderno e mostrava à professora especialista, que me explicava alguns conteúdos, conforme as minhas dúvidas, me auxiliava com as tarefas e com as provas pois, por não ter intérprete de Libras em minhas aulas, complicava muito minha vida de estudante, já que, sem o acesso linguístico eu quase não aprendia nada nas aulas, porém sempre passei de séries, me esforçava muito para estudar, mas tinha grande dificuldade de

compreender as aulas que eram todas ministradas em língua portuguesa sem a interpretação para a minha língua, a Libras, reconhecida Legalmente em todo o território nacional:

Art. 1o É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

Depois me formei no ensino fundamental 1, na 4ª série e fui matriculada em outra escola, na Escola Estadual Dirce Aparecida Pereira Marcondes em Pindamonhangaba, onde ingressei na 5ª serie, porém, a falta de acessibilidade permanecia, lá também não tinha intérprete de Libras, porém eu já havia me acostumado a ficar só na sala de aula comum, mas quando chegou uma outra Surda junto comigo, na sala mesma, passamos a ter muitos problemas por não ter intérprete de Libras em nossa sala de aula. Eu estava acostumada a me comunicar com os ouvintes usando o alfabeto manual, um pouco de oralidade ou escrita, utilizava também expressão facial e corporal a fim de que eles compreendessem o que eu falava, eu também os ensinava alguns sinais em Libras, assim eu conseguia me comunicar, porém ela não compreendia nada, desta maneira eu precisava interpretar à ela tudo o que eu entendia.

Nos dias de prova ou para fazer as tarefas, ela sempre olhava em meu caderno e os professores pediam para que eu explicasse tudo a ela, entretanto me atrapalhava e eu sempre reclamava para os professores e para a minha mãe, pois na minha circunstância, eu não conseguia mais ajudar minha colega Surda, então resolvi conversar com a Diretoria de Educação Especial que precisava de alguém para ajudar esta minha colega, e neste período, eu não sabia sobre intérprete de Libras, não nunca havia tido experiência com estes profissionais, apenas conhecia a sala de recurso da educação especial, então eles me pediram que eu tivesse um pouco de paciência, pois acreditavam que no próximo conseguiriam resolver esta situação e, eu, continuava reclamando porque minha família sempre brigava comigo, já que, nas reuniões os professores diziam à minha mãe que eu conversava muito dentro da sala, por isso a minha nota estava ruim, mas eles não entendiam que quando eles achavam que eu estava conversando, estava explicando o que havia entendido para minha colega Surda, entretanto os problemas permaneciam devido a estas reclamações.

No ano de 2009, emergiu no Estado de São Paulo a Resolução SE - 38, de 19-6-2009 que “Dispõe sobre a admissão de docentes com qualificação na Língua Brasileira de Sinais - Libras, nas escolas da rede estadual de ensino” (SÃO PAULO, 2009). Estes eram chamados interlocutores de Libras e exerciam a função de intérprete educacional.

Assim, na 6ª série chegou uma intérprete de Libras na escola para nos acompanhar em todas as atividades escolares, mas ela não era fluente, entretanto com a presença dele eu conseguia compreender melhor e isto me proporcionou uma sensação de liberdade e paz, pois caso houvesse algum problema com a outra aluna Surda antes devido a alguma indisciplina, eu precisava acompanhá-la para conversar com a coordenadora ou diretora e era dificultoso para mim, pois fazendo leitura labial, não compreendia tudo por falarem muito rápido e esta situação me deixava irritada, mas com a chegada da intérprete, esta situação havia se resolvido e quando iam à diretoria, não precisavam mais me envolver, resolviam tudo de forma particular, outra questão que se resolveu após a chegada da intérprete, foi tirar a responsabilidade que uma colega ouvinte havia assumido, de nos explicar alguns conteúdos, afinal ele era aluna como nós e alguns professores achavam que ela estava respondendo tudo para nós. Era uma situação extremamente complicada, que a chegada da profissional possibilitou a resolução e nos deixou mais tranquilas, está nos acompanhou até a oitava série, quando nós formamos no Ensino Fundamental e eu pedi a minha mãe para que me transferisse para outra escola, pois eu não queria mais estudar junta a aquela colega Surda, assim escolhi cursar o Ensino Médio longe dela, pois quase todos os dias brigava comigo e eu não suportava mais aquela circunstância. Eu até compreendia que ela tinha muitos problemas por causa de sua família, mas estar imersa nesta situação fazia com que eu não conseguisse ter atenção aos estudos, por isso, preferi ficar sozinha, assim me sentia bem.

No primeiro dia de aula na Escola Pública Estadual Doutor Alfredo Pujol em Pindamonhangaba, município do Estado de São Paulo, não conhecia ninguém, colegas e professores, até que encontrei a intérprete de Libras e fomos para a sala, na primeira série do ensino médio, entranhei bastante, pois os professores e alunos ficavam o tempo todo me olhando por estava conversando em Libras com a intérprete, neste espaço eu era a única Surda. Neste contexto, percebi que não conheciam a Cultura Surda, pois era a sua primeira experiência com esta diferença em sala de aula, fazendo com que eu ficasse muito envergonhada.

No horário do intervalo, a intérprete perguntou se eu gostaria que ela me acompanhasse, eu aceitei, pois ainda não conhecia ninguém nesta escola. Os colegas sorriam para mim e olhavam de um modo engraçado, percebi que estavam tentando fazer nova amizade e eu aceitei, logo após a Viviane, minha intérprete me chamou para conhecer a diretora e vice-diretora, elas disseram que queriam aprender a Libras e eu as ensinei alguns sinais para uma comunicação básica, como “Boa Tarde” e assim que aprenderam, fiquei muito feliz, afinal é importante para conversarem comigo, assim como falavam com os alunos ouvintes.

No dia seguinte, entrei sozinha na sala de aula, sentei e comecei a aguardar a chegada da professora e da intérprete, então uma colega se aproximou e veio conversar comigo, disseram que queriam aprender a Libras para se comunicarem comigo e eu as ensinei o alfabeto manual. Quando os professores chegavam na sala, era costume desta escola que os alunos se levantassem, aguardassem que o professor cumprimentasse com “Boa tarde” e os autorizassem a se sentarem e eu fiz a mesma coisa. Após este momento, meus colegas se aproximaram curiosos, conversaram comigo e com a intérprete e disseram que achavam muito interessante a Língua Brasileira de Sinais – Libras e queriam aprendê-la, já haviam aprendido o sinal de “Boa Tarde” e eu fiquei muito feliz por estarem demonstrando interesse em aprender a Libras para se comunicarem comigo. A diretora entrou na sala de aula e como de costume, nós alunos nos levantamos, ela cumprimentou a sala com “Boa tarde” em língua portuguesa e na sequência olhou para mim e disse “Boa tarde” em Libras, o que me surpreendeu, eu achei que ela já tinha se esquecido, isso me deixou emocionada, significava que se preocupava em tratar de igual maneira todos os alunos.

Depois de um tempo, um menino se aproximou e fez para mim o sinal “OI”, porém me assustei, pois o fez bem próximo ao meu rosto, expliquei que não precisava fazer assim e o ensinei a distância adequada, ele ficou envergonhado e me pediu desculpas e eu ri muito desta situação e ao mesmo tempo, fiquei feliz pois ele estava tentando conversar comigo com o único sinal que sabia, foi um ato simples, mas que me fez sentir-me bem e feliz naquele ambiente, pela curiosidade que tinham em aprender a Libras.

No dia seguinte, os professores e professoras que entravam na sala, ao dizerem “Boa tarde” aos alunos, fizeram em Libras para mim, o que me deixou muito surpresa já que era algo que eu nunca tinha imaginado, perguntei para minha intérprete como ela tinha aprendido e ela me respondeu que na reunião de HTPC (hora de trabalho pedagógico coletivo) ela estava

aproveitando alguns momentos para ensinar o básico da Libras aos professores para se comunicarem comigo, o que me deixou muito feliz, pois acredito na importância de estimular o conhecimento da língua e da cultura, foi a primeira vez que aconteceu isso comigo, na escola Dr. Alfredo Pujol, pois em minhas experiências em outras escolas nunca fizeram algo parecido.

Assim, percebi que alguns intérpretes não se preocupavam com a comunicação do aluno Surdo, em permitir-lhe autonomia e não depender exclusivamente do intérprete para se comunicar neste espaço, desta maneira destaco a capacidade de autonomia dos Surdos para terem uma comunicação com colegas e professores no espaço escolar, podendo ficar sozinho em alguns momentos arriscando esta comunicação, é algo simples, o ensino de sinais básicos aliados às expressões faciais permitem a aproximação de outros sujeitos neste espaço, porém não é em todos os contextos que há esta preocupação.

Quando acontecia de algum professor faltar, a minha intérprete aproveitava o momento e ensinava o básico de Libras, os alunos ficavam ansiosos, curiosos e queriam aprender mais para conversarem comigo, foi algo extremamente positivo, que me deixou muito feliz, a aceitação deles no aprendizado da Libras. Estes momentos mudaram a minha vida, adquiri muito conhecimento, comecei a aprender sobre os meus direitos, pois nos momentos livres, minha intérprete de Libras me explicava, também aprendi com ela sobre Cultura e Identidade Surda, ela me explicava, me mostrava vídeos, fotos ou livros de autores Surdos, que me mostravam a capacidade do meu povo.

Aprendi bastante, pois ela me informava tudo isso, percebi que sendo Surda, tenho direitos a igualdade de oportunidades na sociedade, assim como as outras pessoas, pois às vezes eu participava de algum curso, palestra ou evento onde não tinham intérpretes de Libras, mas parecia que eu tinha me acostumado a esta situação, todavia ela me explicava os meus direitos à acessibilidade, me mostrava as Leis que tratavam da garantia da presença do tradutor e intérprete de Libras em espaços públicos e nisto tudo.

Percebi o seu apoio a mim, seu estímulo e influência positiva, pois sempre me dizia “Você é capaz! É muito inteligente! Tem capacidade como qualquer pessoa ouvinte.” E ela me falava estas coisas em algumas circunstâncias, como em apresentações de trabalhos em grupo, pois anteriormente, eu nunca havia realizado apresentações, fazia apenas a parte escrita e entregava para o meu grupo, deste modo, no dia das apresentações, eu me sentava e apenas

assistia a apresentação deles, os via falando e já havia me acostumado a isso, para mim era algo normal, mas depois percebi que não era certo, pois enquanto aluna era o meu dever apresentar e a intérprete faria a interpretação da minha voz enquanto eu apresentasse em Libras e isso sim deveria ser normal, porém eu sempre acreditei que não era capaz, que seria muito difícil para mim apresentar um trabalho, mas eu realmente sonhava em um dia ser professora. Então minha intérprete conversava comigo, que eu precisava participar das apresentações em grupo e aproveitar esta experiência, além da possibilidade de as pessoas ouvintes também perceberem a capacidade de uma pessoa Surda, ela me passou muitas coisas boas.

A escola E.E. Dr. Alfredo Pujol anualmente realizava a gincana do Patrono da escola e para ela, cada sala precisava escolher uma cor, então eu e minha turma escolhemos vermelha. Neste dia também eram realizadas muitas apresentações, tais como teatro, dança, e música em Libras. Durante a gincana houve muita disputa, porém a minha sala ganhou a gincana, assim, pulamos, gritamos, sorrimos, ficamos muito alegres, pois uma professora e a intérprete nos ajudou.

Figura 1-Gincana da E.E. Dr. Alfredo Pujol- 1ºF



Fonte- acervo da autora.

Certo dia, minha professora é matemática, que sempre teve um jeito muito séria, começou a observar enquanto eu realizava a prova, pois em alguns momentos que eu não entendia o enunciado, precisava de tradução, porém algumas vezes, precisava de traduzir toda a prova, porém no momento da realização, eu fazia sozinha. Ao ver isso, ela repreendeu a intérprete dizendo que não era para me dar as respostas, até que a intérprete explicou que apenas estava traduzindo os enunciados para a minha língua, porque como o português é minha segunda língua, é ainda não tinha fluência, precisava de tradução. Percebi que ela compreendeu, confiou e em um outro dia de prova, tirou a foto a seguir.

Figura 2-Primeiro dia prova de matemática



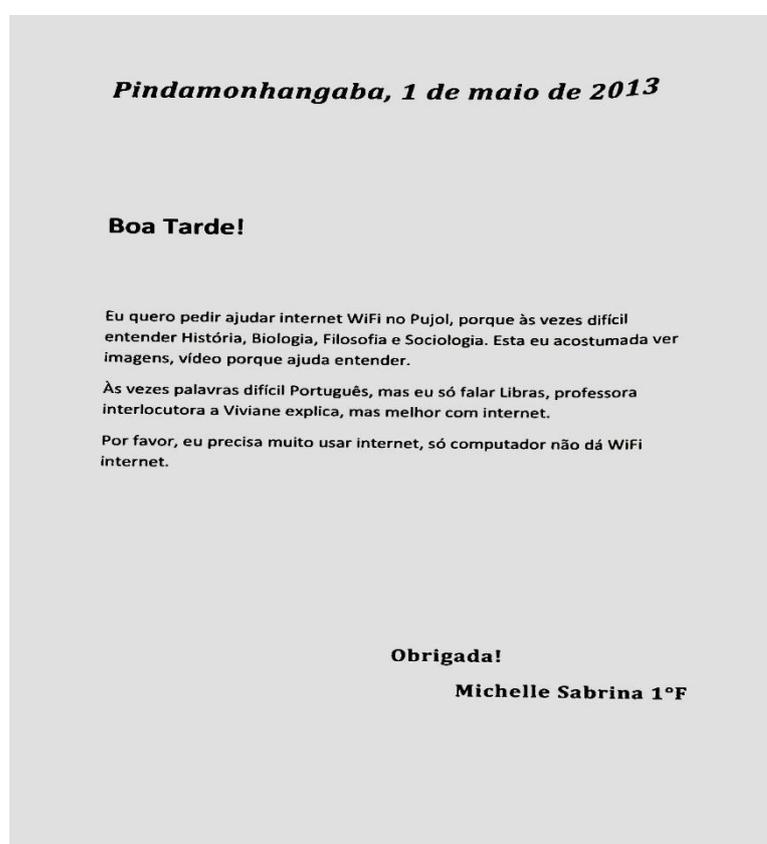
Fonte- acervo da autora (cedida pela professora de matemática)

Outro dia, aconteceu uma situação na qual os professores e alunos pensaram que eu sou surda-muda, porém eu os expliquei que não sou e que o correto era utilizar o termo Surda, pois tenho voz, mas prefiro usar a Libras, pois é minha primeira língua e a segunda é a língua portuguesa, assim eu compreendo que é preciso ter muita paciência em relação à sociedade, pois a maioria não conhece a Cultura Surda.

Em outro momento, minha intérprete de Libras e eu queríamos usar a internet dentro da sala, pois às vezes os conteúdos das disciplinas eram muito complexos e às vezes não havia nem sinal específico e caso ela soletrasse com o alfabeto manual eu também não entenderia, pois tinham algumas palavras da língua portuguesa que eu desconhecia o seu significado, deste modo precisava de recursos visuais para me possibilitar a construção de sentidos. Assim, a

intérprete havia solicitado muitas vezes que mudassem o roteador para que o sinal pegasse na sala, mas não obtivemos resposta, então perguntei à minha intérprete o que achava de eu redigir uma carta explicando esta necessidade e ela me disse que era uma boa ideia. Assim, eu redigi a carta para a diretora e rapidamente arrumaram a questão da internet. Deste modo, percebi que quando eu mesma fiz a solicitação, fui atendida mais rapidamente e mesmo com as diferenças na minha escrita, ela me compreendeu:

Figura 3- Cartão para diretoria.



Fonte- acervo da autora.

Assim que entreguei para a diretora, ela leu imediatamente e pediu para os responsáveis da manutenção arrumarem. Percebi que quando eu solicitasse algo, seria mais facilmente atendido e que não adiantava a intérprete pedir algo que era para mim.

Em outro momento, no Setembro Azul, que é o mês de comemoração às conquistas do povo Surdo, preparamos uma apresentação para realizar na praça e meus colegas, que anteriormente já haviam apresentado o hino da escola em Libras, aceitaram novamente fazer a

homenagem ao Dia do Surdo, foi um evento maravilhoso e uma de minhas colegas convidou uma rede de televisão e rádio de uma faculdade para registrarem e divulgarem, assim eles registraram toda a apresentação. Meus colegas Surdos que estavam presentes se emocionados.

Em seguida, me entrevistaram perguntando sobre como eu me sentia nas comemorações deste dia. Nós Surdos gostamos muito da apresentação musical em Libras que fizeram.

Figura 4- Homenagem dia do Surdo



Fonte- acervo da autora.

Figura 5- Meus colegas participação a música em Libras



Fonte- acervo da autora.

Figura 6- Dia do Surdo- Praça Monsenhor Marcondes Centro, Pindamonhangaba – SP



Fonte- acervo da autora.

No ano seguinte, na segunda série do ensino médio iniciei muito triste, pois muitos de meus colegas mudaram para outras salas, pois neste grupo, na primeira série do ensino médio tivemos muitos problemas também, bagunçamos, discutimos bastante, porém era um ótimo grupo, pois já me conheciam como Surda e estavam acostumados a mim, estávamos sempre juntos e com as mudanças para a nova turma eu não me sentia bem.

No dia da Gincana do Patrono da E.E. Dr. Alfredo Pujol, nós da turma do 2ºE escolhemos a cor azul para nos representar e com a nossa animação, ganhamos nas competições. Rimos muito, gritamos, mas eu não tinha a mesma alegria que na outra turma.

Depois de um certo tempo, uma aluna nova chegou em minha sala, porém já a conhecia há muito tempo, pois estudamos juntas durante a 1º até a 4º série do ensino fundamental. Estudou comigo também durante a 5º até a 8º série do ensino fundamental e estávamos sempre juntas, por isso sabia bem a Libras, pois havia aprendido comigo. Ela me ajudou em muitos momentos como intérprete de Libras, já que no Ensino Fundamental I não tinha intérprete em sala de aula. Como eu havia relatado, a intérprete chegou apenas na 6ª série do Ensino Fundamental, mas ela sempre continuava a conversar comigo.

Então, quando mudamos para o Ensino Médio, escolhemos escolas diferentes, contudo ela não gostou e decidiu mudar para a escola Pujol. Nos encontramos novamente e fiquei muito feliz, pois sentia saudades de sua amizade e ela sabia Libras. Assim, começamos a ficar juntas no intervalo com uma outra nova amiga, que sabia apenas o básico de Libras, porém conseguia me comunicar com ela tranquilamente.

Entretanto, eu ainda não me sentia bem nesta sala, pois não via o mesmo interesse que na turma anterior em aprender a Libras e eles também não conversavam comigo, minha vontade era voltar para a primeira série do Ensino Médio, mas eu precisava compreender estas mudanças e ter paciência, ainda tinha duas amigas desta sala que conseguiam se comunicar comigo e isto era algo bom.

Quando passei para a terceira série do ensino médio, teve novamente a Gincana do Patrono da E.E. Dr. Alfredo Pujol e eu estava na 3ºE, escolhemos cor verde para representar a nossa turma, e de uma maneira surpreendente ganhamos novamente e eu não conseguia entender a razão de todas as turmas que eu estava durante os anos que estudei no Ensino Médio ganharam a gincana, foi um dia maravilhoso para mim, fiquei muito feliz, pois se tratava do

último ano, no qual seria a minha formatura, então era bom que os acontecimentos fossem assim para marcar a minha história.

As duas amigas continuaram comigo, as mesmas que estavam na segunda série em minha sala, porém outra aluna chegou na sala e quando na hora do intervalo a vi sozinha, quieta, sem nenhuma amiga, fui conversar com ela, percebi que ficou apavorada por não saber Libras, então eu disse a ela para ficar tranquila, pois poderíamos conversar digitando no celular ou poderíamos escrever em um papel. Eu comecei a lhe ensinar a Libras e ela estava aprendendo bem rápido, mais do que os demais colegas, pois alguns tem receio de se aproximarem por eu ser séria, esta se tornou uma nova amiga e eu passei a estar com ela sempre. Fiz outras amizades durante intervalo a partir da aproximação de alunos que tinham curiosidade em aprender a Libras.

Voltando-me para as aulas, tive um professor de física, cujo nome é Paulo, ele sempre se preocupou comigo e com os meus aprendizados. Durante suas aulas a intérprete atuava em todos os momentos, mas quando eu tinha dúvidas, ele vinha até mim e criava uma estratégia para me explicar. Às vezes a minha dúvida surgia durante as explicações e ele, sobre fórmulas e como fazer a atividade, com muita paciência, terminava de explicar e ia até a minha carteira, explicando diretamente a mim, até que eu entendesse. Ele buscava recursos e estratégias, usava da Pedagogia Visual e assim eu conseguia responder as atividades. É importante que o professor se preocupe não apenas com o aluno ouvinte, mas com o surdo também, pois o intérprete não é responsável pelo seu ensino. Sobre a Pedagogia Visual, Campello (2008) esclarece que,

A Pedagogia Visual da educação dos sujeitos Surdos-Mudos se associa com a vivência diária como ponto de partida para o entendimento do valor e da cultura do contexto social. Como bem advoga Caldas²² (2007, p. 55): Estes acontecimentos sociais se permitem ser capturados pelos sujeitos no cotidiano cultural em sua lógica específica. Porém, o virtual, no mundo de hoje, capaz de transformar e interferir na cultura, produz um contexto de acontecimentos sociais onde não há tempo para o afeto, para a percepção, para a apreciação, para a intuição, para a troca de energia em todos os sentidos, para os sentidos, para o toque, o cheiro, a pele, para o gesto, para a poética visual, para o sensível, para o momento de silêncio. (apud. Campello, 2008, p. 27)

Um dia a minha intérprete teve a boa ideia de criar na escola um curso básico de Libras, com certificado emitido pela escola aos alunos, assim conversou com a diretora, que prontamente aceitou e deu grande apoio. Fiquei extremamente feliz, pois neste ano, tinham três Surdas nesta escola, eu estudava na terceira série de manhã, outra menina Surda, na segunda

série a tarde e na Educação de Jovens e Adultos - EJA a noite e por esse motivo era importante que os alunos aprendessem ao menos o básico para se comunicar. Muitos alunos participaram do curso e, no dia seguinte, um grupo de meninos começaram a conversar comigo, me provocar, fazer brincadeiras e isso acontecia quase todos os dias. O curso básico me proporcionou novas amizades, o que me deixou bastante satisfeita, pois em outros lugares, a maioria dos meninos não queriam aprender a Libras. Aprendendo a Libras, puderam estar em contato com as outras Surdas e com as diferentes identidades.

(...) olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença (PERLIN E MIARANDA, 2003, p. 217

Essa minha sala era muito diferente, os meninos tinham curiosidade em aprenderem, gostavam muito das expressões faciais que eu fazia. Tinham curiosidade também para conhecer um homem Surdo, pois na escola éramos três mulheres Surdas, queriam perceber como é o jeito de um homem Surdo, queriam conhecer as diferenças. Em virtude disso, em um sábado letivo, organizamos na escola, haveria um evento, então convidamos homens Surdos, jovens, para estarem presentes e neste dia os alunos puderam neste contato experienciar as diferenças da Cultura Surda.

Figura 7- Dia do Levito- Escola Pública Estadual Alfredo Pujol Doutor, Pindamonhangaba- SP



Fonte- acervo da autora.

Em uma outra ocasião, aconteceu o Conselho de classe, onde os professores expunham os resultados das avaliações dos alunos, bem como suas faltas e, caso tivessem sido insatisfatórios, precisavam explicar o motivo de ter acontecido isso. Muitos prometiam mudar de comportamento e enquanto não chegava no meu nome, eu fiquei pensando qual a justificativa daria aos professores pelas minhas ausências e notas e perguntei à minha intérprete o que ela achava, se eu poderia questionar aos professores porque sempre reclamavam da minha ausência para ela e não para mim.

Eu estava com muitas faltas e algumas notas baixas, além de chegar na escola atrasada todos os dias, mas alguns professores reclamavam para minha intérprete, que não era responsável pelos meus atos, então ela sempre me avisava e eu ignorava, continuando a faltar e com notas baixas. Eu não aceitava que os professores falassem sobre mim para minha intérprete, então ela me falou poderia falar para diretora, porque assim como os demais faziam, eu poderia reclamar diretamente para os professores. Então, quando chegou na hora me chamarem o meu nome, a diretora estava brava comigo, por minhas notas baixas e por muitas faltas. Me disse que eu precisava mudar para melhor as notas e precisava parar de faltar, em seguida me perguntou se teria alguma coisa a falar e eu respondi que sim, que estava muito incomodada e expliquei sobre eles não reclamarem para mim, mas para a intérprete assim não iria resolver sem conversarem comigo e completei: "sou deficiente? Coitadinha?"

Percebi que os professores sempre reprendiam os alunos, mas a mim nunca! Eu me sentia muito incomodada por isso. As repreensões devem acontecer com os ouvintes e Surdos, da mesma maneira. Eu sei que os professores estavam preocupados causa de minhas notas, mas eu não aceitava que levassem para minha intérprete e pediam para ela me repreender, assim no devido momento pedi aos professores que parassem de fazer isso com a minha intérprete, pois ela não era a aluna nem a responsável por mim.

A diretora começou a me provocar e me repreender, fez isso com todos os alunos e comigo também, os alunos riam, pois não entendiam como eu queria ser repreendida pelos professores? Mas é uma realidade importante, que os professores me aconselhassem e conversassem para buscar a resolução comigo, assim eu poderia mudar, parar de faltar. Então a gestora pediu aos professores que prometessem conversar comigo nestas circunstâncias e eles compreendem. Dessa maneira eu tenho direitos, posso ter uma consciência crítica e política. Muitas vezes, apenas por causa de os Surdos terem dificuldade na comunicação, acreditam

também ser incapazes, se enxergam na perspectiva da deficiência, mas não são, são apenas diferentes. A meu ver, somos iguais aos ouvintes, eu apenas não escuto e por isso, tenho uma língua diferente, somos iguais em termos humanos e isso nos traz a oportunidade de expor nossas opiniões e consciência política.

Se tivéssemos que fazer um exercício de olhar de fora a diferença de ser surdo, poderíamos dizer que o momento é próprio para se fazer inversão, problematizar a anormalidade ouvinte e não a alteridade surda, assim como sugere Skliar (1999): ao invés de entender o surdo como uma exclusão e um isolamento no silêncio, entender como uma experiência e uma representação visual; ao invés de representá-la através de formatos médicos e terapêuticos, quebrar esta tradição por meio de concepções sociais, linguísticas e antropológicas; em vez de submeter os surdos a uma etiqueta de deficientes, compreendê-los como formando parte de uma minoria linguística. (PERLIN; MIRANDA, p. 219, 2003.)

Um dia as professoras perguntaram aos alunos qual era o seu sonho profissional para o futuro e se queriam fazer algum curso em nível superior. Eu sonhava ser professora, mas achava que não conseguiria estudar em uma faculdade, pois minha família não me estimulava, além de eu não ter condições financeiras para tanto e ao expor isso, minha intérprete novamente me disse que eu seria capaz de alcançar este sonho, pois segundo ela, percebia muita inteligência em mim e com alguns esforços eu conseguiria, falou que eu poderia tentar alguma bolsa. Em um primeiro momento, não acreditei em sua fala, porém depois fiquei refletindo se conseguiria ou não, porém fiz a prova do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.

Participei também de uma seleção para bolsas em cursos de Licenciatura financiadas pela Flupp, que me chamou para uma primeira entrevista, na qual fui selecionada para uma próxima etapa, mas acredito que não tenha conseguido passar no último processo devido às muitas faltas que eu tinha. Neste dia fui até a minha intérprete e disse: “Eu não sou capaz!”, não tinha o apoio da minha família e por todos estes acontecimentos estava muito desapontada, acabei desistindo.

Fui realizar a prova do ENEM, mas apenas no primeiro dia, pois a interpretação da profissional era muito precária e eu não conseguia compreender nada, porém me arrependi, pois se tivesse ido no segundo dia, poderia entrar com um recurso, alegando a precariedade na interpretação da profissional contratada, todavia foi algo que só pensei depois.

Fiz a inscrição para o vestibular da Universidade de Taubaté, fiz a prova e fui aprovada, mas desisti por influência de algumas pessoas e pela falta de apoio de quem estava mais

próximo. Neste primeiro momento eu não dei atenção ao que a intérprete me falava e acabei perdendo estas oportunidades.

Chegou o mês dezembro, seria a minha formatura, e um pouco antes a diretora foi às salas perguntando quem gostaria de ser o orador da turma e ela disse que eu poderia ser a primeira Surda da escola a ser oradora, entretanto em um primeiro momento eu não queria. Ao questionar a sala, os demais alunos concordaram que eu fizesse o discurso, representando-os. Por fim aceitei, pois teria um mês para me preparar para fazê-lo. Perto da formatura comecei a me preocupar, pois ainda não havia treinado, achei que não conseguiria e que não daria certo, contudo, convidei minha família e amigos Surdos, mas achei que não iriam. Falei para minha intérprete que achava que não daria certo e ela me disse: “vai dar tudo certo!”, no entanto, eu ainda não acreditava. Próximo à formatura, a diretora foi até a sala e pediu que meus colegas apresentassem o hino da escola em Libras e alguns aceitaram, o que me deixou muito feliz, pois imaginava que meus amigos Surdos gostariam.

No dia de minha formatura, minha família e meus amigos Surdos estavam lá, contrariando ao que eu imaginava. Fiquei nervosa, mas ao mesmo tempo, feliz demais, pois foi o primeiro dia no qual eu senti ser muito especial, foi maravilhosa esta sensação! Enquanto eu fazia o meu discurso em Libras, vi lá no fundo, bem distante, a minha família chorando, precisei me controlar para não chorar também, pois as palavras que escrevi em meu discurso eram muito emocionantes e durante os meus estudos nesta escola, pude contar com o apoio de minha intérprete, que sempre me dizia palavras positivas e faziam com que me sentisse bem.

Depois do discurso, meus colegas e eu participamos da apresentação do hino da escola em Libras, meus amigos Surdos me falaram que foi muito lindo, a primeira vez que viram colegas de Surdos sem preconceito e me apoiando como Surda, eles ficaram felizes ao ver isto. Este relacionamento intercultural:

(...) intercultural não se reduz a uma simples relação de conhecimento: trata-se da interação entre sujeitos. Isto significa uma relação de troca e de reciprocidade entre pessoas vivas, com rostos e nomes próprios, reconhecendo reciprocamente seus direitos e sua dignidade. Uma relação que vai além da dimensão individual dos sujeitos e envolve suas respectivas identidades culturais diferentes. (FLEURI, 2001, p.118, *apud* STROBEL, 2008, p. 28).

Figura 8- Primeira Oradora Surda do Ensino Regular na Região - 2015



Fonte- acervo da autora.

Figura 9--Meus colegas e eu apresentamos o hino da escola Dr. Alfredo Pujol em Libras



Fonte- acervo da autora.

Minha família viu e acreditou na minha capacidade como Surda, perceberam que eu conseguiria alcançar em meu futuro o que eu quisesse. Depois deste evento, decidi fazer a prova do vestibular novamente e seria após um ano, pois eu tinha sido aprovada para fazer um curso de Senai, então o continuaria.

Quando fui fazer a prova do vestibular novamente, me surpreendi ao encontrar um amigo surdo, ele estudava comigo no Senai, porém eu não sabia que tinha feito a inscrição para o vestibular, então eu e ele fizemos a prova e fomos aprovados. No mesmo instante que soube da aprovação, resolvi que iria custear meus estudos e assim efetuei o pagamento da matrícula.

Quando as aulas iniciaram, fiquei extremamente feliz ao ver a minha intérprete lá na Universidade de Taubaté, pois ela tinha feito a prova em um concurso havia algum tempo e quando eu passei no vestibular, chegou na classificação dela para ser chamada pelo concurso, tudo simultaneamente.

Me senti confortável por continuar com a mesma intérprete que me acompanhou durante o Ensino Médio, pois já me conhecia. Porém, é importante destacar que, ao realizar a matrícula, informei formalmente que precisaria de intérprete e destaquei que teria que ser fluente, porém como era ela, sabia de sua fluência. Meu amigo surdo também foi aprovado e estávamos ansiosos para iniciarem as aulas e estarmos juntos na mesma sala.

CAPÍTULO 2

AULAS, FORMAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

2.1- AULAS DA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

No primeiro dia de aula na Universidade de Taubaté, eu e meu amigo Surdo chegamos à aula inaugural na qual haveria uma palestra no auditório explicando sobre o que é a Pedagogia e como seriam nossas aulas, assim tivemos também a oportunidade de conhecer novos colegas e a Diretora Roseli, que assim que chegou viu a mim e meu colega e já aparentou preocupação e nós não entendemos o motivo desta preocupação.

Depois de um certo tempo, ela se aproximou, nos cumprimentou e avisou que já havia feito uma ligação e que a intérprete já estava chegando, e como eu soube que seria a mesma, enviei uma mensagem a ela, que informou que não poderia ir, já que estava aguardando para realizar o exame admissional e eu compreendi, mas a professora Roseli solicitou que ela viesse, porque nós Surdos precisávamos de intérprete de Libras. Achei que ela não iria, por estar aguardando a realização do exame, mesmo que a diretora afirmou a nós que em pouco tempo chegaria, fiquei muito surpresa com a preocupação que ela estava demonstrando em relação a nós Surdos e, passado um tempo, de fato a intérprete chegou e a palestra se iniciou.

Após a palestra, cada turma se direcionou à sua respectiva sala de aula, e na que eu e o meu colega Surdo estávamos, entrou um professor, se apresentou e pediu que nós calouros nos apresentássemos e disséssemos o motivo de escolhermos estudar Pedagogia. Na sequência, falou do que se tratava a disciplina que iria ministrar a nós e o plano de ensino. Solicitou logo após, que a intérprete se apresentasse e explicasse o seu trabalho em sala de aula, o que ela fez resumidamente, destacando que já havia atuado como intérprete em outras ocasiões e que já havia atuado durante o meu Ensino Médio, finalizando que seria um prazer estar com outro Surdo, o meu colega, durante o percurso de nossos estudos. Outra coisa que mencionou é que sempre que precisassem falar conosco, que poderiam se sentir à vontade para fazê-lo, pois ela estava presente também para acessibilizar as relações.

No momento das apresentações, quando o professor questionou o meu nome e o motivo de eu ter escolhido o curso de Pedagogia, apresentei o meu nome, sinal e em seguida falei que minha meta era cursar Letras – Libras para atuar ensinando a Língua Brasileira de Sinais e a

Cultura Surda, entretanto não havia este curso no Vale do Paraíba e nem na Região de São Paulo, que antes havia o Polo, porém havia fechado devido a alguns cortes na Educação. Além disso, havia este curso na modalidade a distância e eu preferia presencial. Finalizei dizendo que ao solicitar uma sugestão da intérprete, ela disse que eu poderia optar por Letras- Língua Portuguesa/Inglesa ou Pedagogia, mas eu preferi a área da Pedagogia, acreditando que para mim seria mais acessível, pois no outro curso haveria muito o trabalho com a estrutura e gramática da língua portuguesa, abordando-a como primeira língua, deste modo, a Pedagogia era a melhor opção para mim, muito embora meu perfil não era muito voltado ao ensino de crianças, porém esta oportunidade poderia mudar minha vida. Logo após a apresentação do meu colega Surdo, Marcelo Gabriel, a aula terminou, sem dar tempo de todos se apresentarem, pois a sala era numerosa, tinham sessenta alunos.

Na hora de ir embora, alguns alunos ficaram me olhando, sorrindo e eu entendi que era curiosidade por estarmos conversando eu, meu amigo e a intérprete em Libras e percebi que era a primeira vez que iriam ter a experiência de estudar com dois Surdos.

No dia seguinte fui até a secretaria pegar o calendário do curso e a secretária tentou conversar comigo, ela sabia apenas o alfabeto manual e disse que tinha se esquecido de alguns sinais, pois anteriormente teve contato com outra Surda que usava mais a oralidade e fazia leitura labial, então a tranquilizei dizendo que a compreendia e que quando quisesse saber algum sinal, poderia perguntar a mim ou ao Marcelo, que nós ensinaríamos Libras para ela novamente. Ela ficou muito feliz e disse que seria bom aprender para não depender o tempo todo da intérprete para se comunicar conosco.

As aulas se iniciaram e nesta semana todos os professores explicaram sobre a disciplina que iriam ministrar e como seria o semestre, pois os alunos ainda não estavam habituados à Pedagogia e as explicações foram boas para entendermos como seria o primeiro semestre. Quando se iniciaram as explicações dos conteúdos, alguns professores tentavam falar comigo diretamente, acreditando que eu fazia uma leitura labial plena, pois as experiências anteriores deles foram com alunos oralizados e com outra aluna que estudou Pedagogia nesta mesma universidade, mas que, por ser oralizada acreditou que conseguiria seguir o curso sem intérprete e quando percebeu que não seria possível, a contratação deste profissional foi tardia. Acredito que esta aluna Surda não tinha muita experiência e nem conhecimento dos seus direitos, como eu havia aprendido no Ensino Médio, sobre a Lei e o Decreto, os quais me esclareceram sobre

o direito a intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras na Educação, conforme o Decreto Nº 5.626/2005, art, 23, parágrafo 2º:

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação. (BRASIL, 2005)

O conhecimento sobre este Decreto Federal é importante para assegurarmos os nossos direitos de acesso à diversas áreas, inclusive à Educação e a maioria dos Surdos não sabem sobre a Lei de Libras e este decreto que a regulamenta, por falta de informações. Não apenas o Surdo desconhece este direito a intérprete de Libras, na universidade algumas pessoas também não sabem ou em algumas situações não aceitam contratar este profissional e esta situação se torna muito complicada, porque alguns não lutam e desistem por falta de apoio da família.

O Departamento de Pedagogia da Unitaú tem mais conhecimento, informação e experiência por terem dois Surdos que conhecem seus direitos, com o apoio da intérprete de Libras e especialmente pela diretora Roseli que, por conhecimento amplo sobre estes direitos, informou a universidade e garantiu deste o início este acesso. Todavia, alguns professores tiveram dificuldade para entender minha singularidade linguística, por já terem se acostumado com a outra Surda que fazia leitura labial e usava aparelho auditivo, assim achavam que era possível que escutássemos. Quando eu e o Marcelo chegamos e estudamos neste departamento, outros professores perceberam as diferenças entre nossas identidades, já que eu, sou uma Surda com uma identidade forte, me aceito como sou e me sinto bem em ser fluente em Libras, por outro lado, o Marcelo tem crises de identidade, ora ele se enxerga na perspectiva da deficiência auditiva, ora como Surdo, pelo fato de usar aparelho auditivo, falar oralmente e por meio da Libras e isto implica em culturas diferentes.

Eu enxergo como positiva esta experiência, aos professores e alunos, sobre as diferenças, e também para mim e para o Marcelo, pois devido às nossas interações aprendemos

muito, diversas novidades, uma vez que ele tem uma experiência mais avançada na escrita da Língua Portuguesa e eu tenho um conhecimento mais básico nesta língua, por outro lado, pude compartilhar com ele e minha fluência na Libras, bem como o uso acentuado de expressões faciais e corporais, além do conhecimento da Cultura Surda.

No início das aulas, aconteceu uma situação um tanto quanto cômica, a intérprete de Libras estava realizando o seu trabalho utilizando uma interpretação que seguia respeitando a estrutura da Língua Brasileira de Sinais, explorando bastante as expressões faciais e os classificadores (recurso imagético aliado à Libras), sem articulação orofacial, então o Marcelo, já incomodado, solicitou a ela que fizesse uma interpretação bimodal, que conforme Vieira e Régis (2012) “Tal proposta caracteriza-se então pelo uso simultâneo de sinais e da fala.”, imediatamente eu disse a ela que me incomodava o bimodalismo, que este tipo de interpretação me deixava confusa, ela falou brincando “*Será que é possível me dividirem ao meio para cada parte de mim fazer uma modalidade de interpretação que agrade a cada um?*” e na sequência disse que tentaria fazer um pouco de cada, então eu precisei compreender e ter paciência.

Neste primeiro semestre, uma das professoras solicitou um trabalho em grupo que deveria ser apresentado por todos, eu já estava acostumada a isso, mas o Marcelo pensou que bastava fazer a pesquisa e entregá-la ao grupo, entretanto nós Surdos precisávamos também realizar as apresentações como qualquer aluno, todavia eu o entendi, ele ainda não tinha vivenciado nenhuma experiência assim, da mesma maneira que eu no Ensino Fundamental, pois anteriormente nunca tinha participado de nenhuma apresentação, só comecei no Ensino Médio pela ajuda de minha intérprete que sempre colocou ênfase à minha capacidade como igual às demais pessoas, dizendo que eu deveria participar das apresentações como qualquer aluno. Então, lembrando-me disso, eu disse ao Marcelo que ele também era capaz, mas ele falou: “*Como irei realizar a interpretação se as pessoas não sabem Libras?*” e eu o respondi que a intérprete faria a interpretação na modalidade oral.

Nesta primeira apresentação ele ficou muito nervoso, não conseguiu utilizar as expressões faciais adequadas, mas eu me apresentei de uma maneira bem expressiva e minha intérprete já estava acostumada com a minha sinalização/expressões. Às vezes eu realizava as apresentações sinalizando bem rápido, porque ficava nervosa pela quantidade de alunos em minha sala, eram sessenta, todavia tudo dava certo. Certo dia, alguns colegas começaram a notar que eu e o Marcelo éramos muito diferentes, pois eu uso muito as expressões faciais e corporais

e ele não, acredito que por timidez e por não ter esta experiência, no entanto, elas são primordiais, e neste contexto de apresentação, a intérprete, por meio das expressões, consegue colocar a entonação de voz adequada ao contexto.

Tenho grande confiança no trabalho de minha intérprete de Libras, pois já a conheço há seis anos e neste período, em nossas interações, ela adquiriu muita experiência e aprendeu muito comigo, bem como eu também aprendi com ela, pelos seus estudos sobre a Cultura Surda, Educação de Surdos, assuntos acadêmicos, etc.. Ela sempre me trazia muitas informações sobre Leis, Decretos e me trouxe muitos estímulos bons. Assim, o Marcelo também passou a ter muita confiança nela na universidade, devido a ser uma profissional ética, postura adequada, além de nos ajudar muito nas interações. Ela tem muita paciência e conhecimento sobre a Cultura Surda e por isso respeita as diferenças entre os Surdos

O conteúdo acima revela que existe entre o surdo e seu intérprete uma relação de confiança, pois é com esse profissional que o acadêmico interage a maior parte do tempo em sala de aula. A comunicação em uma língua acessível a ambos facilita a interação e a aprendizagem do surdo. Com efeito, a inserção do intérprete como agente comunicador no âmbito da sala de aula funciona como um reconhecimento da sua importante função e determina o respeito à cultura surda. (Oliveira & Pôrto, p. 41, 2014).

Voltando-nos às aulas, iniciando com a Metodologia para Ensino de Educação Física, foi uma disciplina maravilhosa, pois a professora sempre teve muita paciência comigo e com o Marcelo, e quando não entendíamos algo, ela sempre criava estratégias utilizando muitas expressões faciais e corporais de modo que nós conseguíamos compreender por meio delas, demonstrando sempre muita preocupação com nós Surdos. Um dia a intérprete precisou se ausentar por problemas particulares, porém eu e o Marcelo não nos preocupamos, pois na aula de Educação Física tínhamos fácil compreensão, além disso, tinham muitas brincadeiras e danças, e mesmo eu sendo Surda, ela utilizava estratégias, desenvolvia estas atividades com modelo corporal e como era muito visual, se tornava de fácil compreensão. Os alunos ouvintes também gostavam desta aula, pelas novidades, ludicidade e por meio desta experiência, conseguíamos nos comunicar bem com esta professora.

Figura 10- Aula de Metodologia -Educação Física



Fonte- acervo da autora.

Em relação às apresentações de trabalhos em grupo, poderíamos escolher os temas, grupos, porém eu e o Marcelo sempre ficávamos juntos, porque por ter apenas uma intérprete ficaria difícil a comunicação com os grupos se estivéssemos separados, então nós dois combinamos que sempre estaríamos no mesmo grupo para ficar mais fácil para a intérprete, mas se eu escolhesse um tema diferente do que ele queria, precisávamos aguardar que ela traduzisse qual seria a atividade em um grupo e depois no outro, dependendo do trabalho, não precisava chamá-la, já que alguns alunos tinham um conhecimento básico da Libras e quando não conseguiam se expressar, digitavam no celular e nos mostravam o que queriam falar, ou explicavam utilizando imagens e se de fato não conseguissem, chamavam a intérprete para interpretar o que deveríamos fazer e em seguida fazíamos.

Porém, quando estávamos eu e o Marcelo no mesmo grupo, tornava-se mais fácil realizar as apresentações, devido a nossa comunicação e interação em Libras, assim ajudávamos na construção do trabalho e ajudava a intérprete ficar tranquila em um grupo apenas, mas isso não acontecia sempre, apenas quando concordávamos em estudar o mesmo tema. Em certas ocasiões, alguns professores decidiam que iríamos realizar o trabalho em grupos diferentes, justificando que todos seriam professores e deveriam ter a experiência de se comunicarem com os Surdos diretamente, pensando na possibilidade de terem alunos Surdos e isso de fato é muito importante para a inclusão.

Algumas vezes a nossa intérprete precisou faltar e ser substituída por outros, no entanto, não eram fluentes ou não tinham experiência na esfera acadêmica, então eu e o Marcelo tínhamos muita paciência e quando não entendíamos, perguntávamos aos alunos do grupo para que eles nos explicassem melhor o que era para fazer. Quando mesmo assim eu não entendia, o Marcelo que consegue fazer um pouco de leitura labial tentava interpretar para mim depois, porém algumas vezes nem mesmo ele entendia. Eu entendo que estas experiências foram importantes, porque no futuro, como professores, precisaremos interagir com alunos e professores ouvintes, assim estas situações estavam nos preparando para estes momentos de aquisição de muitos conhecimentos e aprendizado. Esta autonomia se fazia necessária para o futuro que nos aguardava.

Os jovens surdos, como quaisquer outros, terão de fazer frente a expectativas, normas e modos de funcionamento diferentes daqueles de sua experiência escolar anterior. A adaptação a essa nova realidade dependerá de suas características pessoais, habilidades, de sua história e da forma como encara esse período de desenvolvimento próprio da faixa etária do jovem adulto, marcado pela construção da identidade, da autonomia, de ideais e de relações interpessoais (Ferreira, Almeida, Soares, 2001 *apud* BISOL, Cláudia Alquati *et al.*, p. 152, 2010)

Figura 11- Aula de Libras em grupo



Fonte- acervo da autora.

Figura 12- Trabalho em grupo Monteiro Lobato



Fonte- acervo da autora.

**Figura 13- Trabalho em Grupo-
Geografia**



Fonte- acervo da autora.

**Figura 14- Trabalho em Grupo-
Ciência**



Fonte- acervo da autora.

Acreditávamos que os desafios eram somente apresentados a nós Surdos, no entanto, conforme afirmam Sampaio e Santos (2002):

O contexto universitário é desafiador para todos os jovens. Problemas de adaptação à vida acadêmica e às obrigações que ela impõe conduzem muitas vezes ao fracasso e ao abandono. Para conseguir assimilar as novas informações e os novos conhecimentos, eles precisam contornar as falhas da trajetória escolar anterior, como deficiências de linguagem, inadequação das condições de estudo, falta de habilidades lógicas, problemas de compreensão em leitura e dificuldade de produção de textos (Sampaio, Santos, 2002).

Todavia, para haver a integração no âmbito acadêmico, existem diversos fatores a serem considerados, dentre os quais destacam-se:

[...] a integração requer não apenas capacidade para o desempenho das atividades acadêmicas, como também para o envolvimento com os colegas, os professores e o ambiente. Ambas são fundamentais nos primeiros anos do ensino superior para melhorar as chances de êxito (Diniz, Almeida, 2005; Ferreira, Almeida, Soares, 2001 *apud* BISOL, Cláudia Alquati *et al.*, p. 152, 2010)

Figura 15- Trabalho em grupo- Língua Portuguesa II



Fonte- acervo da autora.

Já com três anos de estudos, aprendi muito nas participações em trabalhos com grupos, a ter maior desenvoltura na questão da criticidade, na troca de ideias, na colaboração para montar as atividades e com o apoio dos professores. Além disso, ampliou o meu repertório de conhecimento, senti que me desenvolvi muito para a reflexão sobre a didática para a organização do plano de aulas e atividades futuramente, e para o relacionamento com os alunos para a mediação das aprendizagens.

Tínhamos que estudar muitos textos e conteúdos para as provas, mas como Surdos, para a realização delas tínhamos o direito de uma hora a mais, uma vez que este processo de tradução e interpretação leva um pouco mais de tempo, além de solicitarmos que a tradutora e intérprete de Libras realizasse a tradução das provas para que os professores compreendessem melhor na hora das correções e este era um processo bem complexo, pois tinha que fazer a tradução de duas provas, mas ela conseguia, porque eu e o Marcelo tínhamos paciência e compreendíamos que era apenas uma para realizar este trabalho.

Durante as aulas, percebíamos que alguns professores sentiam segurança e conseguiam se comunicar comigo e com o Marcelo, como no caso da professora Roseli, que sempre nos chamava para fazer as atividades da disciplina que ministrava, ela não se preocupava em chamar a intérprete de Libras para nada, ela sempre se esforçava e tentava conversar com nós dois, assim como fazia com os alunos ouvintes, de uma forma natural, nos explicava o que precisava fazer

nas atividades e nos convidava a participar de apresentações de trabalhos, naqueles casos em que apenas alguns representavam o grupo. Assim, a professora Roseli pedia a mim e ao Marcelo que participássemos, pois acreditava que seria importante esta experiência aos outros alunos também.

A professora Cleusa também agia quase igual a professora Roseli. Quando trabalhou com contação de histórias, ela solicitava que nós alunos escolhêssemos um livro e preparássemos a contação. A mim e ao Marcelo ela pedia para explicarmos como deveria ser adequado à uma criança Surda e achávamos bom, pois futuramente como professores, quando nossos colegas tivessem alunos Surdos saberiam como atendê-los nestas situações. No momento da prática, eu tive uma certa resistência por timidez, mas após a explicação da professora sobre a importância de me apresentar aos colegas, aceitei.

Nunca tinha tido experiência com contação de histórias, comecei a aprender nas aulas ministradas por ela. Ficava boquiaberta nas aulas dela, seu jeito parecia de uma pessoa Surda, utilizava muitas expressões faciais e corporais, o que se tornava este processo muito visual, de modo que eu compreendia e certamente uma criança Surda entenderia. Eu ficava muito admirada por ela demonstrar preocupação sobre como ensinar crianças Surdas, sempre procurando a Viviane, que a explicava sobre estas questões, percebi que ela queria que as crianças Surdas pudessem ter acesso como as crianças ouvintes têm, assim além de questionar a Viviane, fazia o mesmo a mim e ao Marcelo.

Certo dia, em sua aula, fiquei com dúvida sobre algo e solicitei que a Viviane intermediasse a minha pergunta, porém ela pedia para eu tentar conversar diretamente com ela e eu ficava muito feliz com esta postura, pois demonstrava o seu esforço para se comunicar com uma pessoa Surda, uma boa experiência. Deste modo, sempre que eu tinha dúvidas, me dirigia à ela, porém algumas vezes era necessário o intermédio da intérprete de Libras, no entanto, muitas vezes conseguia entender por ela sempre fazer uso de expressões faciais, tornando mais fácil a minha compreensão.

O professor Mauro, que ministrava sobre a História da Educação, sempre demonstrava preocupação comigo e com o Marcelo, pois ele entendia o quanto a sua disciplina era complexa para nós, por muitas informações históricas sobre as quais, mesmo pesquisando não encontrávamos os respectivos sinais. Então, no início, o professor sempre nos pedia para

ficarmos um pouco após as aulas para nos explicar algumas questões mais complexas em particular e assim podíamos compreender claramente.

Ele sempre buscava explicar mais e melhor para entendermos e isso demonstrava sua preocupação conosco para as aprendizagens. Face a face, com mais proximidade, ele nos explicava, com muita paciência e quando o Marcelo e eu tínhamos dúvidas, levantávamos a mão e imediatamente, assim que nos via, nos esclarecia acerca delas. Era muito sério nas aulas, mas às vezes fazia alguma brincadeira de um modo bem engraçado, que mantinha o equilíbrio. Demonstrava ser um excelente professor, suas aulas e explicações eram maravilhosas.

Nas aulas da professora Teresa, Metodologia do Ensino da Matemática, as explicações eram ótimas, pois ela utilizava muitos materiais visuais, concretos. Algumas vezes eu não entendia e considerava natural, pelo fato de outros colegas também não entenderem, porém o apoio de materiais visuais era ótimo para o nosso entendimento. Nas aulas dela, o Marcelo era mais participativo do que eu e aprendia muitas coisas, porém eu, às vezes por timidez, participei poucas vezes e ela percebia a diferença entre nós, ele demonstrava mais interesse do que eu por esta disciplina.

Ela percebia em meu olhar muitas vezes quando eu não estava compreendendo e se aproximava até a minha carteira, e em particular me explicava até eu entender, com muita paciência, mesmo que eu demorasse. Mesmo sendo uma disciplina que não despertava muito o meu interesse, me esforçava bastante até entender e ela insistia em explicar bem para atender à minha compreensão. Quando a intérprete de Libras precisava se ausentar em suas aulas, a professora Teresa ficava tranquila, eu e o Marcelo também, já que, ela nos conhecia e sempre utilizava materiais visuais e concretos, o que nos trazia conforto na aprendizagem.

O apoio e disposição de algumas colegas, que tiravam fotos dos registros das aulas copiados em seus cadernos e me enviavam, colaborava muito com os meus estudos, pois eu gostava de ter todos estes registros em meu caderno, porém, certas vezes, enquanto os professores escreviam na lousa, explicavam algo que eu precisava ver em língua de sinais, no entanto, os alunos ouvintes conseguiam ouvir e copiar, já eu, precisava fazer uma escola, então optava em prestar atenção na intérprete de Libras e copiar depois.

Estes registros eram importantes para os meus estudos para as provas, por esse motivo, eu sempre os solicitava às minhas colegas para me enviarem nos finais de semana e elas me

compreendiam e enviavam, em seguida, eu copiava tudo. Uma delas, passou a realizar estágio aos finais de semana, no programa Escola da Família, assim por estar ocupada, não poderia mais me ajudar, porém eu compreendi, entretanto a outra continuou. Esta, quando eu faltava à aula, me avisava em casos de apresentação de trabalhos, provas ou informações passadas pelos professores e eu sempre a agradecia por sua compreensão e ajuda. As mesmas também nos convidava para participar de seu grupo em trabalhos, pois já conheciam bem a mim e ao Marcelo e tinham o espírito colaborativo entre colegas.

Quando os professores aplicavam provas em duplas era mais fácil e o Marcelo e eu fazíamos sempre juntos, estudávamos e no momento da prova, nas interações, eu preferia responder em Libras e o Marcelo fazia o registro na Língua Portuguesa escrita e ao terminarmos, a tradutora e intérprete de Libras traduzia todo o texto. Solicitamos isto à profissional, pois no início do curso achamos que os professores não estavam compreendendo a nossa escrita, após a tradução, eu copiava e entregava aos professores. Nestas ocasiões sempre éramos os últimos a sairmos do departamento e como já estava tarde, já estavam quase fechando, por isso em algumas situações a tradução ficava para ser finalizada no dia seguinte, todavia os professores compreendiam a mim e ao Marcelo, pois sempre os avisávamos.

Algumas professoras conversavam diretamente com a Viviane quando achavam que eu estava faltando muito à sua aula ou quando não tinha feito algum trabalho/ atividade e isto me deixava muito aborrecida, já que a intérprete não é responsável pelos meus atos, eu sou responsável! Para mim surgia o sentimento de que isto era postura de quem é professor de crianças e eu não sou, sou adulta e elas precisavam resolver isso comigo. Assim eu já havia explicado que gostaria que conversassem diretamente comigo sobre estas situações, mas uma delas persistia com esta atitude, o que me levou a quase perder o controle em um dos dias, porém, nesta ocasião, resolvi conversar com ela em um momento que estava junto à diretora Roseli, que compreendeu tudo o que eu estava falando e eu reiterei que a professora precisava conversar comigo sobre estes problemas e não com a minha intérprete. Esta conversa foi muito importante, pois me ajudou no alívio e a me controlar, ainda compreendi que por ela ser idosa talvez não tivesse esta experiência, que antes não ocorria, pois os Surdos não tinham a oportunidade de estarem em um curso de nível Superior. Assim,

Seno (2009) observou em sua pesquisa que professores demonstraram preocupação no atuar com alunos surdos, sendo o despreparo desses profissionais um dos fatores mais relevantes nas questões referentes à inclusão

educacional. Alguns sentimentos como medo, insegurança, ansiedade e angústia estão presentes no docente que necessita se adaptar à nova condição de ter em sala um estudante surdo. (SENO, 2009, *apud* OLIVEIRA & PÔRTO, p. 339, 2014)

De fato, eu compreendi, porém, continuei com a convicção de que os professores precisavam tentar conversar diretamente comigo, como nesta mesma experiência, outros professores faziam, eu utilizo muito as expressões faciais e corporais, além de ser possível o uso de outros recursos para a comunicação, como imagens, escrita, como com outros professores também aconteceu. Já houve ocasião na qual eu não estava compreendendo o que o professor estava falando e disse que iria chamar a intérprete, no entanto, uma professora não deixou, queria conversar diretamente comigo até que eu compreendesse e isso me deixou admirada, pois demonstrou grande paciência, já que não uso a oralidade e nem faço muito a leitura labial, mas ela me respeitou e fiquei muito feliz por conseguirmos nos comunicar.

2.2- PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

Em relação aos eventos, o primeiro deles neste período de universitária, foi o Setembro Azul, que é o evento que comemora as conquistas do Povo Surdo e sobre ele a minha intérprete Viviane conversou com a professora Roseli para organizarmos e ela aceitou, pois se tornava ainda mais relevante, já que no departamento de Pedagogia tinham dois alunos Surdos, deste modo, fazia-se necessário possibilitar aos demais alunos o conhecimento da história que acarretou no marco do dia do Surdo. A professora Roseli pediu que eu, o Marcelo e outra Surda participássemos de uma mesa redonda que aconteceria na semana deste evento para que, nesta oportunidade, convidássemos os demais alunos para estarem presentes, então preparei a minha fala e os slides sobre a história da minha vida e a minha experiência como primeira oradora Surda na escola Dr. Alfredo Pujol em Pindamonhangaba. Durante as apresentações dos participantes da mesa, os alunos se mostraram muito interessados e no final fizeram muitas perguntas, percebendo que nós três tivemos uma trajetória diferente uns dos outros.

Figura 16-Mesa redonda- Pedagogia



Fonte- acervo da autora.

Aproveitamos a ocasião no final do evento para convidá-los para o evento do “Setembro Azul” e conversamos um pouco com os alunos sobre o dia dos Surdos, expliquei que este dia é comemorado em 26 de setembro e é uma homenagem baseada na data de criação da primeira Escola de Surdos do Brasil, em 1857, na cidade do Rio de Janeiro, que atualmente é conhecida como INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) e o setembro azul é o mês mundialmente comemorativo, pois é repleto de datas significativas que refletem a história de lutas e conquistas da Comunidade Surda.. Lembrança do Congresso de Milão (1880) no qual foi proibido o uso das Línguas de Sinais na Educação dos Surdos. O Dia Nacional dos Surdos é instituído pelo Decreto de lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008.

É muito importante que os alunos saibam os significados destes eventos que marcaram a história dos Surdos, pois contribui para reconhecer quem é este Surdo.

Figura 17- Anúncio do Setembro azul 2017

SETEMBRO AZUL DA UNITAU
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA

"O PROTAGONISMO DAS COMUNIDADES SURDAS"

Dia: 16/09/2017

Local: Auditório da Engenharia Civil
Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 99, Taubaté-SP

9h às 9h20
Abertura com a Professora Dra. Roseli Albino
Apresentação musical com o grupo "Encontro com Libras"
(Alunas da Pedagogia)

9h30 às 10h40
Relatos de experiências de surdos da comunidade de Campos do Jordão sobre a inclusão no trabalho

11h às 12h
Palestra - LBI e os Direitos dos Surdos
Palestrante: Paulo Vieira - Assessor Parlamentar da Deputada Federal Maria Gabrielli e participante do Projeto LBI - Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015

13h30 às 14h
Apresentação com surdos de escola especializada

14h às 15h30
Mesa de debate - A trajetória escolar de surdos universitários no curso de Pedagogia: possibilidades e desafios
Diego Bernardo dos Santos - Instrutor surdo da Associação de Apoio aos Deficientes Auditivos - AADA - Estudante de Pedagogia
Marely Gabriel Santos - Professora auxiliar na escola especializada em cursos de Libras - Estudante de Pedagogia - Unitaú
Michelle Sabrina Leite Apolinário - Primeira ouvinte surda do Ensino Regular na região - Estudante de Pedagogia - Unitaú

15h50 às 17h
Teatro com a equipe de surdos Trupe Sentidos

* Intervalo das 10h40 às 11h, 12h às 13h30 e das 15h30 às 15h50

Fonte- acervo da autora.

Figura 18- Anúncio do Setembro azul 2018

SETEMBRO AZUL
PEDAGOGIA

Ser Surdo: Cultura, Educação e Sociedade

PROGRAMAÇÃO

PALESTRAS:

SER SURDO: Cultura e identidade
Sylvia Lia (Doutoranda em Linguística - USP)

O EMPODERAMENTO SURDO NA POLÍTICA NACIONAL: Relato das experiências e barreiras
Vinicius Shaefer (Militante Surdo)

PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO DO SURDO
Alexandre Mel (Presidente da Associação de Surdos do Estado de São Paulo)

LEIS E DIREITOS DA PESSOA SURDA
Sandro Santos (Militante da comunidade Surda)

INSCRIÇÕES PARA CERTIFICADO: WWW.PEDAGOGIAUNITAU.TK

Dia 29 de Setembro
Das 8h30 às 16h30

Local: Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 99, Taubaté-SP
Departamento de Engenharia Civil (UNITAU)

Fonte- acervo da autora.

Figura 19- Anúncio do Setembro azul 2019

SETEMBRO AZUL
Comunidade Surda:
História, Luta e Conquistas

DIA 28 DE SETEMBRO

UNITAU

Programação:

8h30
Credenciamento e Abertura

9h às 10h15
Mesa redonda - Família e Relações Interculturais (Surdos e ouvintes)
Vinicius Shaefer (Presidente e Político da Comunidade Surda - Representante)
Jean Rodrigo Aguiar da Silva (Presidente da Associação de Apoio aos Deficientes Auditivos - AADA)
Regiane da Silva (TILSP - INES)

10h15 às 11h
(Mesa Redonda) - A Luta pelo reconhecimento da Libras sob a ótica dos TILSP
Gustavo Guimarães da Silva (TILSP do INES)
Amáury Maciel Ballem (TILSP do INES e CODA)

11h às 12h
Palestra - INES: Uma história de lutas e conquistas
Paulo Guibrez (Diretor do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos)

14h
A Poesia Surda Grital (Momento de Poesia Surda)

Teatro de Sombras Sinalizado - Alunos do SEDES e Equipe do projeto Ética e Inclusão Escolar: Falando com as mãos

15h
Histórias de vida dos Surdos, desafios e interações

Local: SEDES
Av. Amador Bueno da Velga, 220 - Jardim Jaraguá - Taubaté.

Fonte- acervo da autora.

Nos três anos que estudei na universidade realizamos este evento do "Setembro Azul" e adquiri muitas experiências, houve muitas novidades em minha vida, pois nestes eventos

tivemos diferentes temas que ocasionaram em aprendizados e novos conhecimentos possibilitados também nas interações entre Surdos e ouvintes.

No primeiro ano, Surdos e ouvintes destacaram os aprendizados adquiridos na palestra “LBI e os Direitos dos Surdos”, achamos muito importante por se tratar de uma Lei Recentemente instituída, Lei Nº13.146/2015 que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), na qual também aborda os direitos dos Surdos. Por ser recente, a maioria das pessoas não conheciam os direitos dos Surdos. Houve também outra mesa de debate que eu participei pela primeira vez e destaco a importância de Surdos acadêmicos participarem de mesas, pois em muitas ocasiões focalizam a participação de ouvintes ou intérpretes de Libras, esquecendo-se da participação dos Surdos, uma vez que poucos têm a oportunidade de estarem em um contexto acadêmico universitário, no qual eu aprendi muito durante estes três anos.

Percebi que me desenvolvi bastante em cada participação dos Surdos nas palestras nos três anos que organizamos o “Setembro Azul”. Os temas das palestras contextualizados ao tema trouxeram boas influências para que os Surdos da região tivessem a oportunidade de acordar para a necessidade de estudar e adquirir conhecimentos, pois eu percebo que a maior parte dos Surdos desta região acreditam que não precisam estudar um curso superior e acredito que é por falta de apoio ou estímulo dos que estão mais próximos a eles, porque eu consegui entrar em uma universidade como estudante porque minha intérprete sempre me estimulou com boas palavras, dizendo que eu tinha capacidade, inteligência. É preciso fomentar a necessidade de buscar o conhecimento, novidades, reconhecer a importância do contato com o conhecimento e nisto falta apoio aos Surdos.

No segundo ano, em 2018, nos temas relacionados ao do evento, foram vários Surdos participar com suas palestras e foi maravilhosos, pois trouxeram conhecimentos importantes sobre o movimento, sobre a Cultura Surda e conhecemos um pouco mais sobre a política com a palestra do primeiro Surdo estudante de Direito no Brasil. Aprendi muito sobre Leis, política e vários assuntos relacionados a esta temática, devido a ter a oportunidade de estar nestes eventos.

No terceiro ano, em 2019, foi o que me deixou ainda mais feliz por ter a oportunidade de conhecer um Surdo de destaque atualmente no Brasil, o primeiro diretor Surdo Brasileiro do

INES. Eu estava muito ansiosa e curiosa para assistir a palestra dele e achei muito relevante mostrar o perfil dele pois o evento deste ano ocorreu no Sistema Educacional de Desenvolvimento Social – SEDES, onde funciona uma escola com projeto bilíngue e lá estudam vários Surdos. Destaco esta importância, porque nós Surdos sofremos muito por falta de conhecimento sobre os nossos direitos, assim seria uma possibilidade de estes alunos conhecerem um pouco mais, mas infelizmente eles não foram por falta de incentivo. O Marcelo que fez estágio lá os convidou, porém, o problema é que eles não conhecem a importância deste evento.

Fiquei satisfeita com a participação de quem estava lá, alguns me falaram que nunca imaginaria que o Paulo, diretor do INES aceitaria participar de um evento em Taubaté, e ele veio pela primeira vez no Vale do Paraíba. Fiquei emocionada por este dia maravilhoso no evento, pois alguns bolsistas do projeto de extensão universitária “Ética e Inclusão Escolar: Falando com as mãos” e mais alguns alunos das licenciaturas da universidade foram voluntários neste dia. Ajudaram na organização e se preocuparam em como conversariam com os Surdos, assim me perguntaram, eu os ensinei alguns sinais básicos e depois fiquei os observando conversar, no início os ajudando e depois me afastei para que aprendessem sozinhos a se comunicarem com Surdos.

Alguns Surdos vieram nos parabenizar e disseram que se surpreenderam porque os meus colegas universitários, a intérprete de Libras e a diretora tiveram a preocupação em organizar o evento com uma temática tão importante para o dia do Surdo, disseram também que era uma experiência especial, então me senti realizada pelo aprendizado de todos. Fiquei muito agradecida à Unitau por possibilitar a promoção do evento do “Setembro Azul” e prover condições de transporte para os palestrantes Surdos, bem como os recursos tecnológicos tais como notebook, microfones, projetores e o Núcleo de Gestão de Convênios – NUGEC da universidade, pelos materiais cedidos para a decoração do espaço. Espero que mesmo depois de nós Surdos formados, que este evento continue, pois é importante para a sociedade Surda e ouvinte, para adquirirmos experiências e conhecimentos novos.

Figura 20- Projeto de extensão 2018



Fonte- acervo da autora.

Figura 21- Bolsista do projeto e voluntários 2019



Fonte- acervo da autora.

Outros eventos que participei foram no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Campos do Jordão, para os quais fui convidada por um professor Surdo que atua lá. Ele me convidou duas vezes para participação em mesa redonda, uma com o tema “Surdez e acessibilidade ao currículo” e “Protagonismo do Surdo” abordando minhas experiências com conteúdos escolares e universidade, relatando se tive dificuldade com algo ou falta de acessibilidade, então em minha fala destaquei a carência de intérpretes fluentes nas escolas de educação básica para possibilitar a compreensão dos alunos em sala de aula e quando perguntaram sobre a minha experiência dentro da escola e universidade, relatei que o que ocorreu comigo, conseguir se comunicar com outra pessoa sozinha, conversar com professores ou diretores ou coordenadora é muito importante, pois diversas pessoas acreditam que os Surdos não tem capacidade, têm pena deles por suas dificuldades e isso é errado, pois a família ou intérpretes precisam incentivar a pessoa Surda. Gostei do tema, achei interessante e é importante que a pessoa Surda exponha o seu conhecimento e ponto de vista em mesas redondas emitindo diferentes opiniões e integrando-as.

Também participei na mesma instituição do evento no ano seguinte com o tema “Protagonismo do Surdo” e esse na minha concepção é essencial, uma vez que muitos Surdos não conhecem o que é protagonismo, então meu amigo Marcelo introduziu esta explicação e eu complementei, aproveitando para mostrar como foi minha experiência na graduação, estágio e cursos de formação. Fiz os slides pensando na possibilidade de os Surdos que assistissem, que

são da Região, acordassem para perceberem a capacidade que eles têm a fim de traçarem uma meta e buscarem alcançá-la, assim, o meu objetivo nesta ocasião era incentivar os Surdos.

Fiquei boquiaberta, pois quando finalizamos a nossa participação na mesa, alguns Surdos perguntaram como eu consegui estar nestes cursos de formação, ficaram curiosos pela minha experiência. Fiquei feliz por esta oportunidade de relatar a experiência que mudou a minha vida, o que agradei muito ao meu amigo Jean por me convidar para este evento.

Figura 22-Protagonismo do Surdo- IFCJ



Fonte- acervo da autora.

Nesta foto, dou destaque à expressão facial e corporal, que possibilita a contextualização e oferece elementos para a intérprete fazer a entonação de voz adequada ao momento. Algumas pessoas presentes nesta ocasião disseram que a minha expressividade contribuiu para a sua compreensão. Deste modo,

Verifica-se que, para que a língua de sinais seja utilizada com melhor eficácia, se faz necessário à adequação da expressão corporal com a ideia a ser repassada, sendo este aspecto um dos mais relevantes para o uso da Libras, uma vez que, os sinais são criados com base em parâmetros, combinando em muitos casos o movimento das mãos a determinada parte do corpo. Dessa forma, é importante a percepção da expressão corporal para que não sejam cometidos enganos na transmissão da mensagem. Como é possível perceber, a expressão facial pode ser compreendida como a maneira mais natural de demonstrar todos os tipos de emoções. Utilizando-se também os olhos, a expressão facial torna-se a forma mais relevante para reforçar a mensagem a ser transmitida. (SILVA, 2017, s.p.)

Estes foram os eventos que participei durante o período de três anos que estudei na Graduação em Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Sobre as formações extracurriculares realizadas durante o período de meus estudos na universidade, destacarei algumas.

2.3- FORMACÕES DURANTE O CURSO

Certo dia, vi nas redes sociais um anúncio sobre uma oficina de “Didática e Ensino da Libras” que iria acontecer na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, em São Paulo. Eu me interessei e me inscrevi, fiquei ansiosa e queria saber como seria o grupo que iria participar desta oficina.

Quando cheguei lá fiquei surpresa, pois eu era a única que ainda não tinha experiência como professora, os demais Surdos já tinham formação e atuavam como professores ou instrutores de Libras. Como estudante, busquei conhecer as experiências dos demais em sala de aula sobre as metodologias que utilizam, trocamos conhecimentos e opiniões críticas sobre o ensino de Libras.

A ministrante, professora Sylvia Lia, é Surda e estudante de doutorado em linguística na Universidade de São Paulo – USP. Ela tratou sobre metodologia, didática e atividades para o ensino da Libras, em cada grupo tivemos que buscar atender aos desafios propostos e foi um dia de bastante aprendizado, adquiri conhecimento sobre muitas novidades. Além de adquirir novas amizades que nas interações me ajudaram muito, pois onde moro, no Vale do Paraíba, há carência de informações sobre o ensino de Libras por professores Surdos, porém em São Paulo há vários cursos de formação, que além dos conhecimentos dos cursos, possibilitam as interações e por meio delas as trocas de experiências, o que me deixa com muita vontade de me mudar para lá, todavia percebo que no Vale do Paraíba faltam professores e instrutores Surdos. Assim, existe a falta de informações e formações, por esse motivo, preciso buscar para implementar novos conhecimentos nesta região.

Figura 23- Curso de formação na FENEIS



Fonte- acervo da autora.

Quando retornei do curso e no dia seguinte fui à aula, expliquei ao meu amigo e minha intérprete minha perspectiva e aquisições no curso. Achei importante trazer estas informações, pois eu queria que o meu amigo fosse e ele não pode ir, mas depois se arrependeu, porque eu falei muito bem sobre esta formação e disse que aprendi muito. Ele ficou muito curioso e disse que não irá perder a próxima oportunidade.

Outra formação que participei, foi um curso de Contação de História, ministrado pela Profa. Ma. Cleusa Vieira da Costa, solicitado pela Profa. Ma. Viviane Galvão Botelho Neves, minha intérprete e coordenadora do projeto de extensão universitária que participei “Ética e Inclusão Escolar: Falando com as mãos”, pois ela objetivava levar às crianças das escolas que atuávamos, mais imaginário e ludicidade.

O curso se deu em três encontros e no primeiro dia a professora iniciou pedindo que fechássemos os olhos para ouvir a música, no caso de nós Surdos, sentir a música. Porém eu não senti nenhuma vibração porque no espaço não tinha um piso adequado para facilitar os sentidos, então eu e o Marcelo ficamos sem graça. Na sequência, fizemos outra atividade que tinha movimento, assim andávamos e fazíamos expressões corporais, esta foi ótima, pois conseguimos participar bem. Achei muito interessante algumas dicas que a professora nos deu para fazermos a contação de história, tais como usar uma roupa confortável, como por exemplo calça legging ou outra leve para termos mais liberdade e conforto para fazer movimentos e ao

sentar; camiseta neutra e lisa para não dispersar a atenção da criança no momento da contação. Admirei a liberdade da professora para realizar expressões corporais, ela não se intimidava e isso me fez rir bastante, pois é muito similar ao jeito do Surdo.

As explicações desta professora são muito didáticas e me fizeram entender claramente como é o jeito das crianças e como elas gostam de realizar as atividades, com movimento, alegria, animação.

No outro dia, ela nos proporcionou um excelente dia, pois as atividades nos remetiam à brincadeiras as quais eu gostei muito e eram possíveis de realizar com as crianças de uma forma prazerosa. Ela fez a contação de história do livro “O vestido azul” com muitas expressões faciais e corporais, de uma maneira que eu compreendi bem, achei bem interessante. Ela explicou também que para a contação, deveríamos ler e nos apropriar do livro, e durante a contação não precisaria seguir exatamente as palavras usadas no livro, o importante é seguir o enredo, as estratégias que havíamos aprendido e o visual para as crianças entenderem.

Eu me remeti à possibilidade de usar muitos classificadores para as crianças entenderem bem, com muitas expressões faciais, e ao experimentar fazer uma contação neste dia de formação, consegui ser bem expressiva, só faltou o uso de mais classificadores para dar contexto à contação, utilizando também a Libras. A professora pediu que nos dividíssemos em três grupos para realizar a leitura de um livro e preparar a contação deste, eu participei porque queria muito aprender, assim busquei usar classificadores e consegui, porque se tratava de uma história curta e fácil. Juntamente com as minhas colegas utilizei os recursos da língua de sinais e elas a voz e expressões faciais e corporais. Logo em seguida, ela pediu para escolhermos um livro para tarefa de preparação da contação de histórias, então escolhi o livro “Quem soltou o pum?” e cada participante do curso escolheu outros livros para apresentarmos no próximo encontro do curso.

No último dia da formação de contação de história, quando eu cheguei, a Tamara, minha colega e participante do projeto de extensão, realizou a tradução/interpretação de Libras para mim. A professora Cleusa iniciou com uma brincadeira muito divertida, intitulada “Mata o mosquito” e ela me deu bastante energia, pois eu havia chegado cansada e ao participar desta atividade, fizemos muitos movimentos e rimos bastante.

Em seguida, deveríamos preparar uma contação de história em grupo, e o título do meu foi “De repente!” do autor Colin McNaughton. Precisamos ler até compreendermos e apresentar seguindo o enredo, porém sem utilizar 100% as palavras do livro, apesar de eu ter gostado, no início tive dificuldade, não sabia como apresentar, então chamei a professora Cleusa, que me explicou de uma maneira simples e fácil. Pensamos que seria difícil contextualizar com expressões corporais e movimento, mas ela nos ajudou e deu tudo certo. Os demais grupos apresentaram e expusemos a nossa opinião sobre cada contação, sobre as expressões faciais, e com preocupação sobre o lugar mais adequado para a intérprete de Libras ficar, para tanto ouvintes quanto Surdos assistirem de maneira adequada.

Quando estava próximo do horário de encerramento do curso, a professora pediu que fizéssemos novamente a brincadeira “Mata o mosquito”. Todos gostamos muito da formação da professora Cleusa sobre contação de histórias, foi uma experiência maravilhosa, que mudou minha perspectiva, pois imaginava ser difícil fazer a contação, achava que teria que decorar o livro para explicar às crianças, porém é diferente, basta a compreensão do enredo, aliado ao uso de expressões faciais e corporais para as crianças aproveitarem este momento de compreensão e este conhecimento me ajudou bastante a pensar em diferentes estratégias.

[...] imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito contador com domínio de recursos vocais e corporais [...] muda a intenção de contar, mas permanece o que é essencial: a condição de encantar, de significar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma às nossas experiências. (BUSSATTO, 2006, p. 10 *apud* SANTOS, p. 18, 2014)

Este conhecimento pode contribuir muito para desenvolver atividades com crianças Surdas e ouvinte, para compreenderem a história de um livro, a explorarem a leitura das imagens do livro e estimular a curiosidade destas crianças, dando a liberdade de experimentarem sentimentos e ideias utilizando a linguagem da criança.

Figura 24- Contação de História



Fonte- acervo da autora.

Minha intérprete e coordenadora do projeto de extensão “Ética e Incluso escolar: falando com as mãos” queria realizar uma formação para conteúdos específicos sobre Surdos e a Libras, pois alguns já tinham adquirido bastante conhecimento devido à participação no projeto, porém outros alunos tinham acabado de entrar e tinham muitas dúvidas, assim, ela decidiu fazer um piquenique literário sobre o livro “Libras? que língua é essa?”, deste modo nos dividiu em três grupos os quais ficariam responsáveis cada grupo pela leitura de um capítulo do livro. Este livro aborda os mitos relacionados à Libras, aos Surdos e à Surdez, que todos os aprendizes têm dúvidas.

Realizamos em um dia previamente marcado, o piquenique no “Sítio do Pica-pau amarelo” em Taubaté, enquanto conversávamos sobre o livro, comíamos o lanche do piquenique e foi muito bom para adquirir conhecimentos de uma forma diferenciada.

Figura 25- Piquenique Literário

Fonte- acervo da autora

Figura 26- Hora de lanche

Fonte- acervo da autora

Retomando às participações em eventos, em uma ocasião, a professora Sandra Vitoriano convidou a mim e ao Marcelo para participarmos de uma mesa redonda com o título “Diversidade e Inclusão na Escola: a voz do diferente” no departamento de Ciências Sociais, História, Letras e Pedagogia e nós aceitamos, pois considerei importante a minha presença e do Marcelo, pois alguns estudantes do curso de História e Letras não conhecem a cultura Surda, ao passo que os estudantes de Pedagogia já nos conhecem por já termos participado de outra mesa redonda quando o departamento de Pedagogia estava localizado em outro endereço.

Depois o curso de Pedagogia foi mudado para o este prédio onde aconteceria o evento. À partir desta mudança, estes alunos passaram a ficar muito curiosos em relação à Libras e aos Surdos pois eu e o Marcelo sempre conversávamos em Libras neste novo prédio e todos ficavam olhando. Nós sempre consideramos esta curiosidade natural, porque era a primeira vez que tinham contato com Surdos neste departamento. Desta maneira, participando da mesa, poderiam conhecer e aproveitarem para tirar suas dúvidas. Além disso achei era uma excelente oportunidade para os diferentes falarem sobre si, já que teriam cegos, autista e surdos para exporem suas diferenças.

Figura 27- Diversidade e Inclusão na Escola: a voz do diferente



Fonte- acervo da autora.

É importante a representar cada um a sua diferença ou deficiência para discutirmos e refletirmos sobre a inclusão destas pessoas sobre a acessibilidade em espaços de educação e políticos para a construção de uma escola para todos, aberta para a diversidade e inclusiva para as pessoas com deficiência ou diferentes.

Em meu caso, na condição de Surda, é sempre importante destacar minha igualdade em relação a todos por ser humana, porém, o que me torna diferente é o fato de ter uma língua e cultura diferentes. Precisamos de acesso nas escolas, hospitais, bancos e outros, com intérpretes de Libras para a comunicação Surda. Sobre isso, minha história já pode ilustrar bem estas dificuldades em consultas médicas, nas quais queriam que eu fizesse leitura labial e nem sempre eu conseguia compreender, pela dificuldade que o médico tinha em fazer uma boa articulação das palavras e quando tentavam a escrita, eu também não entendia, pois eram ilegíveis. Neste sentido eu preciso sempre provocar a reflexão que uma compreensão equivocada pode gerar um erro médico e causar a morte. Por isso é tão importante a acessibilidade com intérpretes de Libras nestes espaços.

Nas escolas também, os professores muitas vezes não sabem Libras e querem que todos os Surdos façam leitura labial, o que é inviável. Estas situações cotidianas nos cansa, por isso é necessária a acessibilidade para possibilitar aos alunos Surdos um conhecimento que o torne uma pessoa reflexiva e crítica, que possa reconhecer seus direitos iguais e que a sociedade os

respeite, tanto aos Surdos como diferentes, quanto às pessoas com deficiência. Estas pessoas devem lutar para a diminuição do preconceito e discriminação.

Neste sentido, a luta pela aceitação a diversidade e inclusão escolar vem cobrar do discurso educativo respostas pedagógicas na educação, com o intuito de incentivar uma escola que integre as diferenças, respeitando o conhecimento intercultural, de modo a gerar uma “sociedade pluralista, democrática e socializante” (RENDO&VEGA, 2009, *apud* BORGES *et al*, 2013, p. 421)

Outro evento que pude participar, mas para formação, foi o “8º Seminário de Educação Infantil do Vale do Paraíba: O infantil é Fundamental”. Fui convidada pela Eduarda Penido Dalla Vecchia, que representa a Fundação Lucia e Pelerson Penido- FLUPP, imediatamente aceitei o convite. Ela pediu à intérprete Viviane para convidar os Surdos para participar e para interpretar para este grupo, então a Viviane convidou a intérprete Sandra para atuar com ela.

Ao convidar os Surdos, dois deles não foram liberados pela instituição na qual trabalham, pois de acordo com a sua coordenadora, eles dariam aulas neste dia. Ela convidou também ao Marcelo, que a princípio estava indeciso e depois aceitou ao convite.

Chegamos em Aparecida – São Paulo, local do evento, e fiquei admirada com a quantidade de pessoas, eram 500, porém o espaço era amplo e adequado à dimensão do evento. Achei interessante a promoção que fizeram sobre a sustentabilidade e à reciclagem, pois são temas muito ligados à educação. As palestras e atividades que aconteceram trataram sobre estratégias para atuar com as crianças de Educação Infantil. Nos relatos de experiência, foi possível perceber o rápido desenvolvimento das crianças ouvintes. Ao abrirem o espaço para perguntas, questionei se este projeto abrangia às crianças Surdas também e a palestrante respondeu que apenas tinha uma criança com deficiência nesta escola, mas não havia criança Surda, falei sobre o projeto que participava e ela achou muito interessante.

Senti-me satisfeita ao realizar este questionamento, pois as pessoas olharam para mim e a Eduarda demonstrou também satisfação em ver a minha participação, pois foi a minha primeira vez neste evento e como Surda eu precisava ter uma representação como os ouvintes puderam expor suas dúvidas. No início eu estava um pouco tímida para expor minha dúvida, então minha intérprete me encorajou, dizendo que eu não deveria perder esta oportunidade e deu tudo certo.

Na hora do almoço, percebi que as pessoas me olhavam e sorriam para mim, percebi em algumas a vontade de conversar comigo e outras vieram e pediram que a Viviane fizesse a interpretação. Me senti muito bem pela curiosidade que tiveram que os moveram até mim para conversar.

**Figura 28- Intérprete de Libras-
Viviane Galvão**



Fonte- acervo da autora.

**Figura 29- Intérprete de Libras-
Sandra Vitoriano**



Fonte- acervo da autora.

Nestas fotos aparecem as duas intérpretes de Libras que atuaram uma em apoio à outra e em revezamento de 20 em 20 minutos, para garantir a qualidade na interpretação das palestras.

Observei entre as duas intérpretes de Libras algumas diferenças, dentre as quais destaco as expressões faciais e corporais, bem como o movimento que eram explorados mais por uma do que por outra, no entanto fiquei feliz pela presença delas garantida pela Eduarda, que se preocupou em acessibilizar o evento para mim e para o Marcelo. Achei muito adequado o espaço em relação à visualidade minha e do Marcelo, com as mesas e espaço dos palestrantes bem visíveis, bem como o telão que era grande, proporcionando-nos mais informações visuais

Figura 30- 8º Seminário de Educação Infantil do Vale do Paraíba: O infantil é Fundamental



Fonte- acervo da autora.

Depois do almoço começaram as oficinas nas salas e eu escolhi a de Yoga, pois fiquei curiosa sobre como trabalhá-la com crianças. Quando entramos na sala, a intérprete estava conversando com o professor, para ver se ele sabia que dois Surdos iriam participar e ele a tranquilizou quanto ao acesso, no entanto, no primeiro momento, tinha música, para as pessoas fecharem os olhos e meditarem, então a interprete nos avisou e para mim não teve nenhum problema quanto a isso, apenas para fechar meditação, porém a interprete de Libras teve uma estratégia, disse que poderíamos fechar os olhos, que ela tocaria em nós quando fosse para abrirmos. Durante a oficina, o professor nos relatou diversas experiências interessantes no trabalho com Yoga para crianças.

Figura 31- Aula de yoga



Fonte- acervo da autora.

Figura 32- - Aula de Yoga- interprete de Libras



Fonte- acervo da autora.

Figura 33- - Aula de Yoga- interprete de Libras



Fonte- acervo da autora.

Ao conceituar e descrever a atividade do intérprete, Gesser (2011) cita RONAI (1987) esclarecendo que este exerce uma atividade a qual exige “[...] improvisação, rapidez de ritmo, limitação de tempo, pois a presença do emissor força o intérprete a poucas possibilidades de refletir sobre o texto da língua de partida” (RONAI, 1987 apud GESSER, 2011, p.22). No entanto, esta agilidade deve ser não apenas relacionada à interpretação propriamente dita, mas também à postura adequada ao momento da atividade.

Neste sentido, as estratégias improvisadas pela intérprete de Libras Viviane, que se posicionou perto de mim e do Marcelo, quando necessário e quando precisávamos fechar os olhos, ela nos tranquilizou, dizendo que tocava em nós quando fosse para abri-los. E quando estávamos em uma posição na qual olhávamos para baixo ou abaixados sem poder vê-la, ela se aproximava e colocava as mãos perto de nosso campo de visão e fazia os sinais “RESPIRA”, “RELAXA”, “CALMA” e por meio destas estratégias o Marcelo e eu ficamos muito animados em ver a possibilidade de adaptar a aula de Yoga para as crianças Surdas. Foi muito interessante a aula de Yoga e ajudou o meu corpo, cabeça e respiração para relaxamento. O professor mostrou suas experiências por meio de fotos dentro da escola na aula de Yoga, como algumas posições e movimento andando pulando e assim fazíamos igual. Por fim, deitamos no chão e o professor pediu para relaxarmos o corpo, foi muito bom.

Figura 34- Eu, o Marcelo, Sandra, Viviane e Eduarda- Seminário da Educação Infantil



Fonte- acervo da autora.

Agradeço muito a Eduarda que me convidou para participar deste seminário, foi uma grande oportunidade de adquirir muitos conhecimentos nas palestras e oficinas. Foi a primeira vez que pude participar deste seminário, porém pensei nos Surdos que não puderam participar, o que me deixou muito triste, porque nos eventos acadêmicos que acontecem no Vale do Paraíba, nunca convidam os Surdos para participarem para o seu desenvolvimento e conhecimento, porém nesta ocasião que foram convidados, não tiveram a liberação por seus superiores. Todavia, fiquei satisfeita pelos aprendizados que eu e o Marcelo pudemos adquirir para o nosso desenvolvimento.

O último evento que participei como estudante de graduação em Pedagogia foi o Congresso Internacional do INES no Rio de Janeiro. Minha intérprete e coordenadora Viviane Galvão informou ao grupo de alunos bolsistas do projeto de extensão sobre este evento e que iríamos fazer a inscrição e postagem de trabalhos para serem avaliados para apresentação de relatos de experiência sobre o projeto, eu fiz a inscrição e fui sorteada para participar, porém o trabalho de minha equipe não foi aprovado, no entanto, o que me deixou feliz foi saber que a equipe de uma outra colega do mesmo projeto teve a aprovação do seu trabalho e eu queria apoiá-la, pois nossa equipe iria representando a Unitau. Então fomos eu, o Marcelo e a Verônica (outra bolsista) junto com a coordenadora, esta seria a minha primeira participação no COINES.

Fiquei surpresa ao ver Surdos e ouvintes todos conversando em Libras, adquirindo novas amizades. Outra questão foi sobre as experiências com as palestras e poesias que eram de se admirar de tão belas.

Eu fui sozinha na sala que tinha uma palestra com o tema “ O literário multimídia dos Surdos: arte, sinalização e vídeo” e uma mesa redonda com temas diferentes “ Artista Surda: poesia em Libras na internet com impacto e sensibilidade” e “ Artista Surdo: atualidade, música, arte ampliação do conhecimento nas redes sociais” todos muito interessantes, porém em uma das discussões foi levantada uma polêmica na qual se posicionaram com uma opinião diferente da minha experiência. Explicaram que são realmente contra a música em Libras pois, o Surdo não escuta nada e não sente prazer na dança.

Fiquei curiosa sobre o tema deles, porém me percebo diferente desta perspectiva, pois adoro sentir a vibração da música e mesmo que eu não escute nada, sei reconhecer algumas vozes diferentes pela vibração, ou piano e vários outros instrumentos. Eu aprendi durante a minha infância com meu pai, que me ensinou o que é a música por meio da vibração, no entanto, eu os entendo, pois é preciso ter respeito ao Surdo que gosta de música e na dança usa Libras. Entretanto, atualmente não gosto usar música com Libras, gosto apenas de sentir as vibrações.

Precisamos reconhecer que cada um é diferente e cada pessoa tem sua cultura. Eu assisti a este tema, depois me encontrei com o meu grupo, que estava em outra nas salas, assim fazíamos trocas explicando o que estava acontecendo em outras salas, já que todos os temas eram importantes para trocar e conversar sobre estas experiências.

No segundo dia, fiquei orgulhosa da outra equipe do projeto que participo, pois apresentaram um relato de experiência sobre o trabalho desenvolvido pelo projeto em apoio aos Surdos, ensinando as crianças a aprenderem Libras para se comunicarem com Surdos, adquirindo também experiências como futuros professores sobre como ensinar crianças ouvintes e Surdas para o seu desenvolvimento.

Figura 35- Coordenadora Viviane e Bolsista Verônica- COINES



Fonte- acervo da autora.

Depois aproveitei a feira de diversidade e peguei vários livros e DVDs que foram distribuídos gratuitamente, são interessantes por serem acadêmicos e servirem para o desenvolvimento de pesquisas, ou seja, posso ter o acesso por meio dos livros e DVDs ou para buscar estratégias para ensinar crianças Surdas.

Durante o intervalo para o almoço, nos encontramos com Surdos de outros lugares e fizemos amizade. Estas trocas são muito importantes, pelas diferentes experiências com estudantes de Pedagogia ou Letras/ Libras, pós-graduação, mestrado e doutorado. Essas interações e palestras me proporcionaram muitos conhecimentos e experiências boas no COINES.

Quando retornamos do intervalo para o auditório fiquei emocionada, pois tinha um palestrante Surdo que mora na França e o tema abordado por ele foi “Auguste Bebian e os surdos, o caminho da emancipação”, foi muito interessante, porque a França faz parte da nossa história, pois foi um Surdo Francês que veio ao Brasil para contribuir para a promoção da educação dos Surdos por intermédio do aprendizado da língua de sinais.

Figura 36- Surdo França, interprete de Libras e Língua Americana de Sinais



Fonte- acervo da autora.

Outro tema interessante foi “Educação de Surdos: conhecendo a educação de surdos na Colômbia” - com a palestrante Edith Patrícia Rodrigues Diaz (Colômbia). Esta palestra tratou de assuntos que seriam muito importantes serem abordados no Vale do Paraíba e ao ver esta palestra, tive vontade de chamar esta Surda para palestrar na Unitau a fim de esclarecer aos intérpretes de Libras e professores Surdos como é uma educação de Surdo adequada. Ela explicou muitas coisas com as quais aprendi muito e tive vontade de visitar a Colômbia, pois me pareceu que as escolas de lá tem uma boa qualidade para os Surdos, porque têm escolas bilíngues e quando no berçário chegam bebês surdos, precisam chamar uma professora Surda ou fluente Libras ou CODA (filha de pais Surdos) para que este bebe ou criança adquira mais rápido o desenvolvimento pelo aprendizado da língua de sinais, respeitando a identidade e cultura surda.

No decorrer destes anos minhas experiências de formação e participação em eventos foram abundantes e pude ter contato com muitas novidades e aprendizados, conhecimento que possibilitaram o meu desenvolvimento na área acadêmica.

Diversos Surdos não têm o acesso ao conhecimento, como eu também não tinha, aprendi novos paradigmas, palavras, entre outras novidades que a Unitau e o departamento de Pedagogia me proporcionaram, influenciando-me positivamente com as oportunidades acadêmicas.

CAPÍTULO 3

EXPERIÊNCIAS COMO ESTAGIÁRIA E BOLSISTA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

Minhas experiências como bolsistas tiveram início com a minha inscrição no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID para me ajudar com as despesas da universidade e para adquirir experiência na escola, porém minha participação neste programa foi curta, pois o governo realizou uma diminuição e mudou as regras, assim não é possível discorrer sobre uma experiência que durou apenas um mês.

Nesta ocasião, a diretora Roseli anunciou aos alunos do departamento que tinham vagas para bolsistas em um projeto de extensão universitária e eu me interessei, pedi à secretária para colocar o meu nome na lista de interessados para participar, pois eu gostaria de ter experiência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, além disso, eu precisava pagar a mensalidade da universidade. Como bolsista eu teria cerca de 50% do curso pago, o que me ajudaria bastante, então fui selecionada e comecei a participar do projeto.

Em agosto de 2017 aconteceu a primeira reunião com o grupo de bolsistas do projeto “Ética e Inclusão Escolar” com a coordenadora Roseli Albino. A pauta da reunião foi a explicação de algumas informações gerais, tais como o valor da bolsa, que seria diretamente descontado na mensalidade; a escola na qual iríamos desenvolver as atividades; e o pagamento do transporte. Nesta reunião eu ainda não a equipe de bolsistas com a qual eu iria atuar, pois estudavam no período da manhã e eu a noite, então percebi que estavam curiosos, pois eu estava conversando com a minha intérprete Viviane em Libras e ainda não tínhamos nos conhecido, apenas combinamos nos encontrar no departamento de Pedagogia para depois irmos à escola, pois eu não conhecia as escolas municipais em Taubaté, então precisava ir com eles.

No outro dia, eu fui ao departamento de Pedagogia conforme tínhamos combinado encontrar com o grupo de bolsistas. Antes de sairmos, pedi que registrassem aquele momento com uma foto, então eles aceitaram animados, assim fizemos o registro do primeiro dia que iniciamos o projeto na escola.

Figura 37- Primeira ida na escola



Fonte- acervo da autora.

Após a foto, fomos para a rodoviária pegar o ônibus e dentro dele foi muito engraçado ver a curiosidade deles em aprender Libras para se comunicarem comigo. A primeira a me perguntar muitas coisas foi a Tamara Aparecida de Souza, ela iniciou os questionamentos e os demais passaram a me perguntar também e assim foi até chegar na escola, onde continuaram me perguntando sobre diversos sinais que queriam aprender.

Perguntaram se a intérprete tinha chegado e respondi que não, que ela viria um pouco depois, então a professora Roseli falou para esperarmos um pouco e os bolsistas seguiram com os questionamentos, ela começou a observar o nosso grupo me fazendo perguntas, animados e dando risadas. A professora Roseli ficou muito admirada com as conversas do nosso grupo, conversando sobre sinais e os aprendendo para terem contato comigo enquanto Surda, então ela ficou surpresa e feliz por perceber o interesse deles na Libras. Quando a minha intérprete Viviane chegou, também ficou feliz pois eu não fiaria sozinha, estava conversando com nosso grupo e conseguindo me comunicar normalmente, em seguida, a professora Roseli nos chamou para começar a reunião com a diretora e a coordenadora da escola municipal Amadei Beringhs em Taubaté, uma escola de Ensino Fundamental Integral.

A reunião se iniciou com a explicação da coordenadora do projeto sobre o título dele “Ética e Inclusão escolar” no qual iríamos desenvolver atividades relacionadas ao respeito e à inclusão. Assim para iniciarmos as atividades, precisaríamos de um cronograma com horários

e as turmas com as quais faríamos todo o trabalho. Sobre este cronograma a diretora ficou responsável, por conhecer melhor a rotina da escola, em seguida, nos levou para conhecer o espaço escolar, porém era muito pequeno e tratava-se de uma escola em bairro rural com poucos alunos. Por fim nos apresentaram aos professores e oficinairos os quais encontraríamos ao realizar as atividades e após as apresentações, fizemos uma foto para registrar este primeiro momento na escola, junto com a diretora, a coordenadora Roseli, minha intérprete, as professoras que acompanhavam a professora Roseli na Unitau e o nosso grupo do projeto de extensão.

Figura 38- Projeto Ética e Inclusão escolar- 2017



Fonte- acervo da autora.

Quando se iniciaram nossas atividades, entramos nas salas de aula com os nossos nomes e o meu sinal meu que me caracteriza para a comunidade Surda, ainda não os havia batizado por conhecê-los pouco, portanto, precisava observar o que mais lhe marcava em suas características, se tinham alguma marca física (no rosto, cabelo, óculos, etc..) ou apelido ou comportamento (timidez, sorriso frequente, braveza, etc.) assim eu gosto primeiro de observar devagar e também conhecer e ter bastante contato com as pessoas para depois dar os sinais deles se não contato a pessoa eu não dar os sinais pois depois eles vão esquecer entregar sinais. Para mim, este contato e um maior conhecimento para perceber o jeito de cada pessoa é importante, não gosto de conhecer a pessoa e imediatamente atribuir-lhe um sinal, preciso de ao menos uma semana de contato, deste modo consigo agradar mais nesta escolha.

Continuamos nos apresentando nas salas para os alunos, conversando e explicando que estudávamos Pedagogia na Unitau para sermos professores, explicamos que faríamos muitas atividades divertidas com eles. Como já percebiam minha diferença, eu explicava que sou Surda e uso a Língua Brasileira de Sinais e não a fala oral, porém expliquei que tenho voz e por isso não sou muda, apenas prefiro a Libras, que é a minha primeira língua e a segunda, a língua portuguesa. Uma situação engraçada que ocorreu foi o fato de os alunos não entenderem a atividade da Viviane, interpretando a minha voz, estranhavam que uma pessoa estivesse sinalizando e a outra falando e por isso, enquanto eu falava, olhavam para a intérprete Viviane, até que depois de explicarmos algumas vezes, finalmente entenderam e passaram a olhar para mim.

Figura 39- Intérprete de Libras explicando sobre interpretar voz da Michelle



Fonte- acervo da autora.

Consideramos natural este estranhamento e confusão, pois estavam vivenciando uma primeira experiência, precisávamos explicar sempre até eles entenderem e passarem a me olhar utilizando a Libras e continuarem escutando a voz normalmente. É preciso destacar que o intérprete tem um papel importante na interação entre surdo e ouvinte, os surdos precisam apoiar o profissional intérprete da Língua Brasileira de Sinais- Libras e buscar o seu direito de acesso por meio dele, assim, conforme Gesser (2009):

Afirmar que o surdo precisa de intérprete em espaços institucionais em que as pessoas não falam a sua língua já é um direito reconhecido pela Lei nº 10.436, aprovada em 24 de abril de 2002. Então, escolas, universidades, repartições

públicas, tribunais, hospitais etc. devem atender essa população específica assegurando-lhe o seu direito linguístico de poder ser assistido em sua própria língua. (GESSER, 2009, p, 47)

Embora nosso objetivo fosse trabalhar com a inclusão no seu sentido mais amplo, os alunos estavam muito interessados no aprendizado da Libras e estavam fazendo muitas perguntas sobre a minha vida, devido à curiosidade naturalmente surgida pela presença da diferença linguística, então a minha intérprete Viviane me pediu que explicasse a minha história de vida, pois alguns alunos já estavam curiosos sobre como nasci, se era ouvinte ou se tive alguma doença que me tornou Surda, assim aproveitei e expliquei a história da minha vida, deste modo até o meu grupo passou a conhecer a minha história.

Como eles estavam ansiosos, em algumas turmas partimos das perguntas e vários deles me perguntara se já tinha nascido surda e eu respondi que sim; me perguntaram se os meus pais e irmão sabem Libras, então respondi que minha mãe sabe Libras, pois ela já fez um curso, mas o meu pai não sabe, meu irmão mais velho sabe um pouco e minha irmã mais nova sabe bem Libras; me perguntam como conversava com meu pai, já que ele não sabia Libras e eu respondi que uso a oralidade apenas dentro de casa com a minha família, pois infelizmente alguns de minha família não sabem Libras, então preciso usar a oralidade, deste modo, eles ficaram curiosos para conhecer a minha voz, porém eu pedi que compreendessem que não gosto de usar a oralidade e que apenas a uso com minha família, pois estão acostumados, quando estou dentro da escola e na universidade, eu uso Libras pois, é minha língua.

Eu percebi que as crianças estavam muito curiosas e não paravam de questionar sobre a minha voz, mas pensei que isso se deve ao fato de não conhecerem o significado de cultura Surda, porque são crianças e não entendem simplesmente falando, porém com um tempo de convívio, entenderiam o que significa pessoa Surda e a necessidade do respeito a cada pessoa diferente ou com deficiência. Portanto, é importante que os ouvintes tenham amizades com os Surdos, pode acontecer de algum Surdo em determinado momento se matricular na escola, por terem o contato comigo, já saberiam respeitar, assim considero importante ser representante Surda nestes espaços escolares.

Às vezes, minha intérprete Viviane chegava depois na sala, devido a outros compromissos na universidade, mas eu e grupo precisávamos estar na hora certa, então eu ficava preocupada sobre quem faria a interpretação de minha voz e em Libras para eu conversar com os alunos e com o grupo porém, fiquei muito feliz, pois a Tamara sempre estava

preocupada com isso e buscava se comunicar comigo e ela conseguia entender, por eu utilizar muito as expressões faciais e corporais e se ela não entendesse, eu digitava no celular e mostrava para ela entender, deste modo já ensinava os sinais para os alunos e o nosso grupo.

Aproveitávamos a curiosidade das crianças sobre a Libras, então a Tamara soletrava algumas palavras com o alfabeto manual e eu fazia os sinais. Entretanto, ela não era a única a aprender, o grupo todo também aprendia junto com os alunos, porém a Tamara começou a tentar interpretar a Libras e a minha voz, pois estava aprendendo bastante comigo, os demais bolsistas do grupo tinham medo, achavam que estavam errados, mas eu já havia explicado que não tinha problemas, que nesse momento eu compreendia que estavam começando a aprender e por isso seria bom que treinassem. Assim, “A língua de sinais é considerada pelos surdos estudantes uma forma de comunicação perfeita, com a qual podem aprender em meio a outros surdos e ouvintes.” (Oliveira & Pôrto, 2014, p. 338)

A coordenadora Roseli nos informou que haveria no G1 uma reportagem sobre o projeto “Ética e Inclusão escolar” retratando como estava sendo a experiência dos alunos no contato com uma Surda e a Libras, na interação com sinais básicos, como banheiro, água, por favor, obrigado (a) e quando eu os respondia para esperarem um pouco ou se poderiam ou não beber água e ir ao banheiro. Eles conseguiam interagir normal, porém na escola tinha um menino com deficiência auditiva que não sabia nada de Libras e não falava bem oralmente. Assim, alguns os professores e alunos não o entendiam na comunicação e faltou a ele o aprendizado da Libras, mas ele ficava tímido nas aulas, não queria aprender, eu observei que ele ficava inquieto, bagunçando, gritando, falando palavrões e eu entendi que era a falta do sentimento de pertencimento à uma comunidade e assim eu pensava se conseguiria alguma estratégia ou uma atividade roda de conversa, para brincarmos e ensinarmos os sinais dos animais, iniciando pela mímica e, em seguida, partindo para os sinais. Este menino gostou e participou da atividade, assim começou a aprender a Libras por meio desta estratégia, passamos então a sempre pensar na adequação à necessidade dele por ainda não saber a Libras e nem a oralidade.

A Professora Roseli nos informou que daríamos entrevista para mostrar como é a atuação de uma Surda como estagiária no projeto da Unitau, destacando a importância desta experiência também para a Universidade de Taubaté, assim me chamou para participar da entrevista, que foi postada no site de notícias da universidade. Além da TV do município de Taubaté, que me chamou, mas também vários me chamaram para entrevista e eu me senti muito feliz, pois é importante mostrar que os Surdos têm total capacidade. Por isso eu aceitei participar

destas entrevistas, pois eu quero que haja a interação, para tanto, é preciso estimular as crianças ouvintes e Surdas para o contato e novas amizades, com vistas a diminuir o preconceito. Em minhas experiências já presenciei os Surdos sofrendo muito da socialidade, por bullying e isso precisa ser trabalhado nas escolas, com crianças ouvintes, para conhecerem o que é cultura Surda.

Muitas crianças não conhecem por falta de oportunidade com a família ou sociedade, que não conhecem cultura Surda, então usar o meu perfil como Surda estudante de Pedagogia e estagiária foi importante se tornar notícia em todos estes canais de comunicação. Todos ficamos muito felizes por estas experiências que marcaram a minha história e pelo nosso grupo que aprenderam novos conhecimentos comigo e eu com eles.

Figura 40- G1- Região do Vale do Paraíba



Fonte- acervo da autora.

Figura 41- Portal de Notícias-UNITAU



Fonte- acervo da autora

Em 2018 aconteceram algumas mudanças no projeto de extensão, gerido pelo Núcleo de Gestão de Convênios - NUGEC da Universidade de Taubaté. Neste ano a intérprete Viviane passou a ser a coordenadora e o projeto se ampliou, agregando a participação de novos bolsistas, assim passaríamos a ter a atuação no período da manhã e da tarde no Ensino Fundamental Integral e na Educação Infantil Integral, com aproximadamente 16 bolsistas, sendo que havia entrado mais um bolsista Surdo, o Marcelo.

O nome do projeto passou a ser “Ética e Inclusão escolar: Falando com as mãos”, passou a trabalhar os mesmos temas anteriormente abordados sobre a inclusão de uma forma abrangente sob uma perspectiva bilíngue (Libras/ Língua Portuguesa) eu já estava bem acostumada ao meu grupo, pois a Tamara conseguia se desenvolver na tradução e interpretação da Libras e na modalidade oral, fazendo a interpretação de minha voz. Deste modo, nas interações, passou a utilizar muito mais a expressão facial e corporal devido ao contato comigo enquanto Surda, tornando-se mais fácil a compreensão por meio do aspecto visual, ela se mostrou muito esperta e já sabia como é a cultura Surda e nos conhecimentos sempre me ajudava, para ensinar aos alunos estes aprendizados e desenvolvimento.

Quando eu não conhecia algumas palavras em língua portuguesa, sempre as perguntava para a Tamara, que me explicava e às vezes tentava utilizar estratégias para me explicar de forma mais clara. Ela tinha muita paciência e me compreendia muito, pela minha dificuldade de entendimento de algumas palavras em português, ela tinha empatia pois, ela não sabia Libras, então fazíamos uma troca, ela me ensinava o português, por outro lado, eu a ensinava a Libras.

Ela já tinha aprendido muito e se desenvolvido da língua, de forma que entendia tudo o que eu falava em minha língua natural, conseguia me ajudar se precisasse de alguma coisa e minha intérprete de Libras estivesse ocupada. Nestas circunstâncias eu chamava a Tamara e ela me ajudava, por outro lado, este contato comigo para ela foi importante, pois já tem experiência para o seu futuro como professora, se encontrar outros alunos Surdos ou professores Surdos, deste modo, além deste contato comigo e com o Marcelo, quando tinha dúvidas, buscava também a ajuda da coordenadora do projeto, que também era a minha intérprete

[...] ouvintes buscam se comunicar com os surdos tentando utilizar a Libras, valendo-se dos poucos sinais que conhecem ou requerendo auxílio do intérprete. Na pesquisa do autor, os alunos buscavam aprender os sinais com esse profissional. O conteúdo citado se fundamenta nas falas dos participantes ouvintes da pesquisa aqui tratada, quando questionados sobre as formas de comunicação utilizadas na interlocução com o acadêmico surdo. (OLIVEIRA & PÔRTO, 2014, p. 339).

Um fato triste que aconteceu foi a separação do meu grupo, pois alguns bolsistas precisariam atuar em horários diferentes, então só permaneceram a Tamara e o Félix, assim, entrou uma nova bolsista no projeto, no entanto, permanecemos na escola Amadei Beringhs.

Em um certo dia, a coordenadora Viviane iria participar de uma entrevista sobre o projeto e me pediu para visitar a escola no período da manhã. Quando cheguei, percebi que por terem participado do projeto no ano anterior, algumas crianças já sabiam se comunicar com

alguns sinais básicos, porém, as crianças que não participaram, não sabiam, então aproveitei para retomá-los. Assim revisamos termos como ir ao banheiro, beber água, por favor, não pode, pode, obrigado, etc. Uma menina que participou do projeto no ano anterior estava a minha espera, quando finalizei as explicações perguntei o que queria e ela sinalizou: “Posso ir beber água? E eu respondi que sim.

Figura 42- Sinal de água em Libras



Fonte- acervo da autora

Figura 43- Menina me pedindo para beber água



Fonte- acervo da autora

As crianças aprenderam os sinais básicos e já conseguiam se comunicar comigo sozinhas, sem precisar chamar intérprete de Libras, pois eles já haviam entendido de maneira visual o meu jeito ao utilizar expressão faciais e corporais que são importantes para a comunicação sinalizada e possibilita uma comunicação mais fácil. Como eles já me entendiam e se comunicavam comigo, entendi que haveria uma comunicação possível se no futuro encontrassem crianças Surdas, podendo estabelecer novas amizades entre eles. A minha expectativa é que continuem lembrando os sinais da Libras e que tenham contato com Surdos.

Quando encerramos o projeto nesta escola, a coordenadora Viviane nos informou que mudaríamos para outra, a escola Marta Miranda, de Ensino Fundamental Integral. Começamos realizando uma reunião com a gestora e na sequência, como era uma escola diferente, precisamos fazer um período de observação para conhecer a realidade escolar e a necessidade de adequação do projeto para esta realidade.

Neste período conhecemos os espaços escolares, as salas de aula, nos apresentamos aos alunos, professores, oficinairos. Quando entramos nas salas nos apresentamos cada um com o seu respectivo nome e sinal (explicando do que se tratava), apresentamos também o projeto

com os seus objetivos, conhecemos os alunos e em seguida expliquei resumidamente a história de minha vida sendo Surda, destacando alguns pontos principais como o momento da descoberta e algumas experiências significativas e em seguida, abrimos espaço para perguntas.

Os alunos e professores demonstraram muita curiosidade me fazendo diversas perguntas sobre a minha vida e em especial sobre a minha comunicação em diversos espaços da sociedade. Em seguida, conheci uma menina que sabia um pouco a Língua Brasileira de Sinais, assim perguntei a ela onde tinha aprendido e ela me respondeu que tinha uma amiga que estudava no período da manhã e que estava aprendendo com ela, por isso sabia se apresentar e conhecia alguns sinais também.

Eu a parabenei por estar aprendendo Libras para se comunicar com sua amiga Surda e ela agradeceu, completando que sua amiga Surda era tímida e nem sempre gostava de mostrar a Libras. Finalizei dizendo que um dia iria de manhã na escola para conhecer esta menina.

Neste momento eu entendi que a criança da qual ela falou não tem coragem de mostrar que é Surda por falta de contato com um Surdo adulto, que pode ser o seu modelo linguístico e identitário para a sua mudança de perspectiva. Percebo que a sociedade ou a família não sabe informar sobre a Cultura Surda e sobre sua capacidade, estranhando por vezes a comunicação por meio da Libras, enxergando-a como inferior devido à influência da ótica médica. Boa parte dos médicos orientam às terapias fonoaudiológicas para treinamento da oralidade, no entanto não esclarecem que estas crianças nunca serão ouvintes e a maioria delas não adquirem a oralidade com perfeição, além disso, que a oralidade não dá conta da percepção de todas as informações.

Assim, boa parte dos Surdos, assim como eu, sofreram traumas por fazerem grandes esforços para utilizar a voz, por não a compreender. Destaco que por vezes acontece como no meu caso, após perceber que não há avanços nestes treinamentos, abandonam-nos e se voltam para a aprendizagem da Libras, que para os Surdos passa por um processo natural. Assim aconteceu comigo, preferi usar a Libras que é a minha língua, por meio da qual percebi o meu desenvolvimento. Por falta de conhecimento do que significam a Lei, o Decreto e a Cultura Surda, nunca têm o contato com a Comunidade Surda e com nenhum Surdo.

Nesta escola, conheci um professor que aprendeu um pouco de Libras por já ter o contato com uma menina Surda, o que me deixou feliz, pois mesmo sendo uma comunicação básica, consegue se comunicar com esta menina. O professor conversou com os alunos sobre a importância desta comunicação, porém o peguei utilizando o termo “surda-muda” e após ele

terminar, perguntei se poderia explicar sobre este termo, argumentando que a maioria dos Surdos não gostam de que o utilizem em relação a eles, já que o Surdo não é mudo, porque tem o aparelho fonador preservado, ou seja, ele tem voz, pode gritar, rir, pedir socorro, etc. A palavra muda só é utilizada para quem nasceu sem o aparelho fonador preservado ou teve alguma doença que acarretou a perda de sua voz.

Mas estes casos são diferentes dos nossos, Surdos, que temos Cultura Surda, falamos uma língua própria, a Libras, a maioria deste grupo não utiliza a oralidade e em alguns casos raros, sabem falar oralmente, por ter ido à terapias de fonoaudiologia, no entanto apenas isso não garante a aprendizagem da oralidade. Em minha infância até o início da adolescência eu sempre ia no atendimento de fonoaudiologia, porém eu não gosto de usar a oralidade e dependendo das pessoas Surdas, não aprendem a oralidade e em outros casos, elas gostam, isso varia de pessoa para pessoa e deve ser respeitado. O professor entendeu e me pediu desculpas, dizendo que não sabia, o que acontecer muitas vezes da sociedade, existem algumas confusões em torno no termo “surdo-mudo” e é preciso ter paciência para esclarecimentos.

“(...) as comunidades de surdos de todo o mundo passaram a ser comunidades culturais (...) "falantes" de uma língua própria. Assim, mesmo quando não vocaliza, um surdo pode perfeitamente "falar" em sua Língua de Sinais, não cabendo a denominação SURDOMUDO. Por outro lado, a mudez é um tipo de patologia causado por questões ligadas às cordas vocais, à língua, à laringe ou ainda em função de problemas psicológicos ou neurológicos. A surdez não está absolutamente vinculada à mudez (...) Dizer que alguém que fala com dificuldades é MUDO é preconceituoso, não acham? (CARDOSO, 2016, p. 3)

Na Comunidade Surda, ao discutirem sobre o termo Surdo-Mudo, muitos relatam sentir o preconceito nele, uma vez que o Surdo não é Mudo, porém na sociedade alguns não entendem que Surdo não usa a voz na modalidade oral, por outro lado, eu entendo que este equívoco acontece com os ouvintes por falta de conhecimento, porém em outros casos, mesmo que já sabem utilizam este termo para provocar, por preconceito, assim são casos distintos.

Sobre as reuniões de planejamento, para a preparação das atividades que iríamos aplicar na escola, sempre interagíamos, trocávamos ideias até a preparação dos materiais para levar na escola. Os alunos desta escola eram muito curiosos e buscavam os sinais além dos que ensinávamos e ensinavam uns aos outros. Nestes momentos eu não interferia, apenas observava a vontade e disposição que tinham para a aprendizagem da Libras.

Meu grupo e eu fazíamos sempre roda de conversas para possibilitar o contato visual e escolhíamos um espaço mais amplo para as crianças se sentirem mais livres. Em uma das

atividades, com o objetivo de conhecer a identidade e refletir sobre as diferenças, preparamos bonequinhos de papel, os quais eram apenas silhuetas que deveriam passar por uma construção. Neles, cada criança faria inicialmente o preenchimento de suas características e posteriormente apresentariam seu nome, idade, quem era o bonequinho, quais as cores ele gostava, o que gostava de fazer, a comida e o lugar favorito.

Figura 44- Menina ajudando seu amigo



Fonte- acervo da autora

Figura 45- Roda de conversar



Fonte- acervo da autora

Quando finalizamos o projeto nesta escola, teve uma reunião com a coordenadora que nos informou que nos dividiríamos em duas escolas de Educação Infantil, então precisaríamos escolher uma escola, deste modo, o meu grupo escolheu a Escola Municipal Paulo Cicchi (Silvestre I). Nós bolsistas do projeto estávamos ansiosos, pois queríamos começar nesta escola e aprender com mediar as aprendizagens da Libras para a educação infantil, pois era a nossa primeira vez, uma nova experiência.

Uma das bolsistas saiu do projeto e entrou a Bianca, que veio para o nosso grupo. Entraram também dois voluntários estudantes de Letras. Fiquei muito feliz com a participação deles, pois entraram muito interessados no aprendizado da Libras e eu fiquei muito satisfeita por perceber o seu interesse e esforço para aprender e para ajudar nosso projeto. Porém eles foram atuar em outro grupo, no Ensino Fundamental, na escola SEDES onde a maioria do alunos Surdos do município estão matriculados, assim com o contato com estas crianças Surdas poderiam aproveitar um pouco mais para o conhecimento das diferenças entre os Surdos.

Depois de um certo tempo que havíamos iniciado nossas atividades nesta escola, iríamos trabalhar as identidades e diferenças, então a coordenadora nos orientou a utilizarmos uma

atividade de um livro, o qual ela levou para utilizarmos e me pediu para preparar uma contação de história sobre a minha vida, explorando-a resumidamente para que as crianças entendessem.

Figura 46- Reunião projeto de extensão com a coordenadora



Fonte- acervo da autora

Nas atividades realizadas na escola, a Tamara sempre interpretava em Libras para mim e sempre fazia a interpretação da minha voz, mas percebi que ela estava sobrecarregada, portanto os demais bolsistas precisavam ajudá-la. Então eu decidi conversar com o Félix e com a Bianca para ajudarem a Tamara para que ela pudesse descansar um pouco, além disso seria bom para eles terem esta experiência. Eles aceitaram e os dois começaram a fazer a interpretação para mim e para as crianças, fiquei muito feliz por ver que eles se desenvolveram rapidamente e agora podia ver que tinham aprendido muitos sinais da Libras e utilizavam muito as expressões faciais e corporais, que antes eram muito diferentes. Com as expressões faciais e corporais até para as crianças ficava melhor para a sua compreensão.

Um dia preparamos um teatro sobre a história da minha vida, nele o Felix e Tamara eram os meus pais (com uma boneca que me representava), a Bianca era a médica e eu só ajudava a provocar, brincar, bater o pé, e ao final do teatro eu explicava para os alunos que se tratava da minha história e perguntava quem tinha entendido e permitia que eles respondessem utilizando sinais básicos. Percebi que as crianças adoraram o teatro, pois ficaram muito animadas e riam muito.

É imprescindível que haja o planejamento para a preparação das atividades para as crianças e o nosso grupo sempre se preocupava com isso.

Figura 47- Teatro- história da minha vida



Fonte- acervo da autora

O Félix, ao iniciar no projeto era muito tímido e não utilizava expressões faciais por dizer que tinha vergonha, porém depois de dois anos no projeto passou a usar muitas expressões faciais, percebo que foi devido à influência do contato com uma Surda durante este período do projeto, já que para se comunicar por meio da Libras é necessário o seu uso para que haja contexto e compreensão, além de eu orientá-lo para o seu uso para favorecer a aprendizagem de Libras pelas crianças. Em sua participação no teatro, fiquei admirada por ver o quanto se tornou expressivo e isto se deve também ao seu esforço.

Ele aprendeu a se comunicar bem comigo, além de ajudar a Tamara na interpretação de Libras. Eu disse a ele para aproveitar o contato comigo para se desenvolver na aprendizagem em Libras, pois futuramente, quando se deparar com alguma criança Surda, irá saber melhor como se comunicar com ela para a ensinar. Ele me disse que quando encontrava algum Surdo no ônibus, se desesperava e isso não acontece mais, devido a sua participação no projeto e pelo contato comigo e com o Marcelo conhece as diferenças na cultura Surda e consegue se comunicar com Surdos, reconhecendo as singularidades da Língua Brasileira de Sinais.

[...] como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras [...] forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visio motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundo de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002, p. 7 *atpd* Oliveira & Pôrto, 2014, p. 341)

A Bianca parece Surda, pois ela utiliza muito as expressões faciais e corporais, ela explora melhor do que eu, pois mesmo sendo Surda, às vezes eu não faço expressões faciais como ela, que é ouvinte. Ela se esforça muito para se comunicar comigo, pois por ter entrado recentemente no projeto, sabe um pouco Libras, além disso, na igreja que ela vai tem contato com a Libras, então, pelo tempo que estivemos juntas no projeto percebi que ela se desenvolveu bastante, porque na primeira vez que conversamos utilizava muito o alfabeto manual para soletrar palavras, porém no período que estivemos em contato, eu a ensinei muitos sinais conforme ia a conhecendo, e em pouco tempo que convivemos, ela aprendeu muito rápido.

Ela também sempre prestava muita atenção na Tamara quando estava interpretando para Libras ou conversava comigo usando a minha língua. Ela também observava muito a minha intérprete Viviane para aprender e percebeu a importância de aprender a Libras para o relacionamento entre Surdos e ouvintes.

A Tamara foi a que mais desenvolveu nas expressões faciais e corporais, pela sua experiência interpretando para mim durante os três anos do projeto. Ela adquiriu grande experiência também interpretando a minha voz. Por estar sempre junto a mim ela conheceu bem a minha língua e nestes três anos sempre teve muita paciência para aprender, se esforçou muito para tentar conseguir o êxito.

Agora que aprendeu a Libras, quer continuar e se aprofundar no estudo dos classificadores que aproxima a comunicação ainda mais da Cultura Surda. Com isso destaco a importância do contato com Surdos para ser intérprete de Libras. Acredito que possivelmente no futuro ela irá realizar formação profissional para ser tradutora e intérprete de Libras, pois embora tenha se desenvolvido bastante, sempre pede que eu a corrija e é humidade para mudanças e adequação à uma postura profissional e amadurecimento de seus aprendizados, assim espero que ela siga esta carreira profissional.

Além de minha participação no projeto de extensão universitária, já trabalhei em uma escola de Educação Infantil particular em Pindamonhangaba, ministrando aulas de Libras para as crianças. No primeiro dia, convidei a minha intérprete de Libras para me acompanhar, pois precisava conversar com a coordenadora para saber sobre a rotina escolar, qual o método de ensino adotado pela escola, para quais crianças eu daria aula, qual era a faixa etária e os dias e horário das aulas. Combinamos tudo e depois a coordenadora me convidou para conhecer os espaços escolares, os alunos e as professoras.

No primeiro dia de aula, minha intérprete também esteve presente para interpretar a minha voz para que eu pudesse explicar às crianças que sou Surda e para fazer a contação da minha história de vida. Por fim, avisei às crianças que na próxima semana eu iria sozinha, sem intérprete para eles aprenderem a conversar comigo em Libras.

Figura 48- Aula de Libras na Educação Infantil



Fonte- acervo da autora

Na semana seguinte fui sozinha para a escola, mas fiquei muito feliz, pois as crianças conseguiram me entender sem intérprete de Libras. Eles me entendiam também pelas expressões faciais e corporais, pois as crianças são bastante visuais. Eles também já haviam percebido que sou Surda, pois quando queriam falar comigo não falavam oralmente, mas tocavam o meu braço ou a minha mão, assim me compreendiam.

Ensinei para eles os sinais das cores, dos animais e frutas, utilizando imagens para que entendessem por meio do visual, fazendo associação aos sinais. Já aconteceu de alguma criança não conseguir fazer o sinal e chorou por isso, imediatamente, outra amiga foi solidária e pegou em sua mão para ajudá-la. Senti-me muito satisfeita por conseguir realizar trocas com eles e por ver os amigos se ajudando no aprendizado da Libras.

As professoras desta escola sempre me ajudavam a fazer as atividades, me dando sugestões, pois eu nunca havia dado aulas sozinha, então elas me compreendiam e tinham muita paciência para me ajudar. Aprendi bastante com elas.

Considero que deveria haver o ensino de Libras em todas as escolas desde a Educação Infantil para possibilitar o contato e comunicação entre Surdos e ouvintes. Sonho que aqui no

Brasil a Libras se torne disciplina obrigatória dentro das escolas em todos os níveis, além de escolas bilíngues para Surdos, nas quais seja obrigatória a contratação de professores Surdos para o contato com as crianças Surdas, para o seu desenvolvimento, embora falte muito no caminho a ser percorrido para chegar a este objetivo.

Nesta escola eu fiquei por pouco tempo, dois meses, pois eu estava cheia de atividades e consegui um estágio na escola municipal de Pindamonhangaba no período da manhã e a tarde participava do projeto de extensão universitária.

Outra experiência que agregou bastante à minha vida profissional e para refletir sobre a educação das pessoas Surdas foi um período que estagiei em uma escola da Rede Municipal de Pindamonhangaba, no Ensino Fundamental, onde estava matriculada uma menina Surda que tinha nove anos de idade. Ela é muito inteligente, excelente aluna de matemática, mas em língua portuguesa demonstrava dificuldade, o que é natural, pois por ser Surda, necessita que este ensino seja feito como segunda língua.

Na sala que estudava não tinha intérprete de Libras, só professor de apoio, que tem deficiência auditiva e neste sentido discordo desta situação, pois ele não consegue ouvir e isso acarreta muitas perdas de informações e para o aprendizado desta menina. Ao ver este contexto fiquei indignada, porque os outros alunos aprendem e se desenvolvem. Este problema é causado porque a Secretaria da Educação no município não aceita a contratação de tradutores e intérpretes de Libras, pois consideram que por terem Atendimento Educacional Especializado - AEE no Núcleo de Apoio Pedagógico – NAP, apenas o professor de apoio ajuda a aluna Surda, o que não é real.

Geralmente professores de apoio são destinados às crianças com deficiência, no entanto, no caso de quem é Surdo, sua necessidade é acessibilidade linguística em escolas bilíngues ou com intérpretes de Libras, o que é bastante diferente do que oferecem. A mãe da criança tentou reclamar na secretaria de educação, porém não resolveram, por casos como esse, acontecem denúncias no Ministério Público. Eu conversei com a mãe da aluna, porém ela me falou que não tinha problema o acompanhamento por professor de apoio, porque sua filha gosta, através desta explicação, percebi que a aluna não entende a diferença entre este profissional e o intérprete de Libras.

A atividade adequada para este professor de apoio D.A seria o trabalho em contraturno com o ensino da escrita da língua portuguesa como segunda língua e não exercendo a função de intérprete de Libras. Percebi que os professores falam rápido e este profissional não escuta,

a leitura labial é impossível de ser feita, logo, os prejuízos na aprendizagem desta criança são muitos.

Um dia, quando o professor de apoio faltou, a professora solicitou que eu fosse interpretar, então respondi da seguinte maneira: “Desculpe-me, eu não escuto, por isso não posso realizar a interpretação, não quero transmitir nada equivocado para ela”. Ninguém percebeu nesta situação que além do que falei, sou estagiária, desta maneira, só posso ajudar em outras tarefas.

Após esta experiência fiquei nesta escola por aproximadamente cinco meses e depois decidi mudar para outra escola, na Educação Infantil. Eu gosto de trabalhar em escolas de Ensino Fundamental, apenas não quis causar problemas por não concordar com o que estava acontecendo.

No início, quando mudei para a escola de Educação Infantil minha vida mudou muito, me senti mais tranquila, pois minha gestora buscava estratégias para se comunicar comigo e eu a compreendia claramente. Os professores e auxiliares também me explicavam com muita paciência o que era para ser feito para as crianças e gostei desta postura.

No entanto algo que considero um problema é o fato de alguns auxiliares não acreditarem que eu era estudante de Pedagogia na Unitau, não acreditavam na minha capacidade de ensinar as crianças apenas por não ouvir, então expliquei sobre minha experiência em uma escola particular, que conseguia me comunicar com as crianças e elas são muito espertas e visuais, mais do que adultos. Alguns auxiliares perguntavam como eu fazia quando uma criança chamasse, pelo fato de eu não ouvir, então simplesmente ignorei e no dia seguinte, uma criança me chamou tocando em mim, pois elas sabem que sou Surda, os auxiliares viram e ficaram quietos.

Eu sempre ensinava para as crianças os sinais “mamadeira”, “comer”, “água”, “bom dia”, “tchau”, “não pode”, “desculpas”, dentre vários sinais e elas sempre lembravam e utilizavam nos momentos certos, por isso é importante estimular as crianças.

Uma menina, que tinha dois anos, sabia alguns sinais e sempre me avisava que estava na hora do almoço ou quando estavam saindo, porque a professora tinha chamado e eu não tinha ouvido, ela ia até mim, pegava a minha mão para sair, pois ela sabia que sou Surda.

Outro menino de três anos também percebia que sou Surda, começou a fazer mímica para mim e eu não o entendia, até que ele apontou para fora e fui olhar, vi que era um cachorro, entendi e comecei a rir, admirar sua inteligência, pois mesmo sem saber o sinal correto,

desenvolveu uma estratégia para se comunicar comigo sem a oralidade, então aproveitei este momento e o ensinei o respectivo sinal, que ele aprendeu bem rápido, mostrou a importância de se comunicar com os Surdos.

A seguir, na figura 47 é possível verificar a mímica inicialmente feita por ele e nas figuras 48 e 49 o sinal para cachorro.

Figura 49- Mímica para cachorro



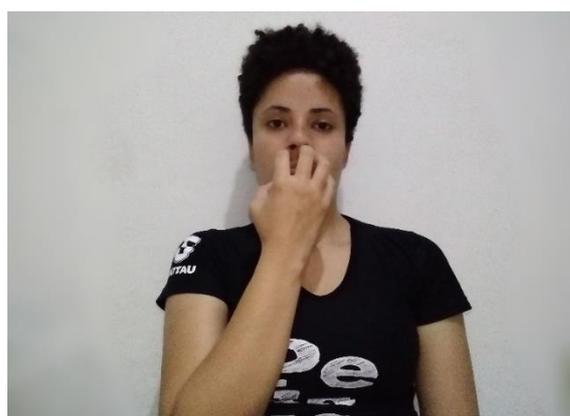
Fonte- acervo da autora

Figura 50- Sinal de cachorro visto de frente



Fonte- acervo da autora

Figura 51- Sinal de cachorro visto de perfil



Fonte- acervo da autora

Ribeiro (2005) afirma à ótica de Vygotsky que a linguagem, sendo ela verbal, gestual e/ou escrita, é considerada instrumento das relações com os outros, deste modo, é fundamental

para a nossa constituição como sujeitos. Além disso, considera-se que a criança, nesta fase, tem uma liberdade maior e está propensa à comunicação.

Em uma ocasião, a gestora me pediu para preparar uma atividade para as crianças, conseguimos nos comunicar bem, pois mesmo que às vezes eu não entendesse e ficasse nervosa por isso, porque ela não sabe Libras e eu não entendo leitura labial, ela tentou até conseguir se comunicar comigo, teve muita paciência, compreendeu que a minha língua é diferente e sempre me apoiou no que precisei.

Gabardo e Habold (2013) apontam após terem analisado a fala de professores iniciantes que, estes consideram que a gestão escolar tem grande influência neste processo e além de influir também nas suas condições de trabalho. Os depoimentos dos professores retratam e comprovam que a gestão escolar tem influência direta sobre o acolhimento e condições de trabalho aos professores iniciantes.

Figura 52- Mensagem da minha gestora

Quando algo tem um significado ainda maior... Aqui está a Michelle me ajudando a montar nossa "estante sonora", ela que só pode sentir as vibrações, se desdobrando no acabamento, deixando colorindo e seguro para os bebês, quantas vezes me peguei traduzindo seu olhar, percebendo o carinho com que ela trata as crianças, com acolhimento expresso no seu sorriso, braços abertos e olhar terno, sem dizer uma palavra ela se fez entender e o pequeno correu ao seu encontro. Quem aprende?? Todos nós!! Obrigada minha querida por ser exemplo - CMEI Yolanda Immediato - estagiária
Michelle Sabrina



Fonte- acervo da autora.

Em outra ocasião, eu estava arrumando algumas atividades que a gestora me pediu que fizesse para ajudá-la e eu a ajudei, em seguida fiquei emocionada ao ver a foto acima exposta, pois eu não tinha percebido o momento que ela tirou. Ela postou em um grupo de funcionários municipais, assim, percebi com o seu texto o carinho que tinha por mim e a importância que dava ao meu trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As minhas primeiras considerações estão relacionadas às contribuições para a minha trajetória estar durante todos os anos do Ensino Médio e todos os três anos dos meus estudos na Universidade de Taubaté, no curso de Pedagogia, com a minha intérprete Viviane. Aprendi bastante com ela nas interações constantes sobre as suas experiências, pois ela estuda muito, é pesquisadora na área de Educação dos Surdos, sobre Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras e sobre a Cultura Surda. Deste modo, sempre me informava desde o início do nosso contato, como por exemplo sobre a Lei Nº 10.436/02 e o Decreto Nº 5.626/05, sobre os quais eu não tinha conhecimento e tudo o que ela me explicou me fez acordar, a pensar criticamente e refletir sobre como aqui no Vale do Paraíba há Surdos que não conhecem os seus direitos, o que me fez ter uma inquietação por não querer vê-los na inocência. A partir de então, me tornei ainda mais curiosa e passei a questioná-la sobre seus estudos, pesquisas e trocávamos novidades ideias e sinais, por outro lado, quando ela iria fazer alguma atividade ou tradução de músicas em Libras, me perguntava se estava compreendendo ou não. Fizemos muitas trocas e aprendi muitas coisas com ela e isso mudou a minha vida.

A Viviane estava sempre preocupada em me homenagear no dia do Surdo com traduções de canções, convidava meus colegas, que aceitavam participar das apresentações, e como também é professora, percebi nos cursos que ministrava, quando tratava sobre o intérprete, via a sua grande diferença das demais intérpretes de Libras, que não trazem estímulo, informações, conselhos e nem fazem troca de ideias. Alguns Surdos sofrem bullying e não têm amizade entre ouvintes e surdos e estas estão apenas preocupadas em manter o seu salário, porém a Vivian e é uma pessoa muito humana. Quando trabalhava pela manhã, a tarde sempre se esforçava para me ajudar nos estudos para a prova, sem remuneração, pois seu período de trabalho era pela manhã, pois se preocupava com a minha compreensão na Língua Portuguesa, em relação à flexão dos verbos e das estruturas gramaticais. Além de me explicar sobre outras coisas da vida, me aconselhar, assim aprendi muito com ela.

Quando terminei o ensino médio, depois de muito tempo pensando se eu seria capaz de estar em uma universidade, devido ao medo do aprofundamento acadêmico, por causa da língua portuguesa ser minha segunda língua e por ter dificuldade com ela. Então a Viviane me incentivou e disse que eu tinha capacidade, que era inteligente e me mostrava histórias de Surdas de outros Estados que haviam concluído o mestrado, doutorado apontando que também

tinham dificuldades como eu, mas com muito foco conseguiu alcançar o sucesso em seus objetivos, assim pude por meio destas conversas conhecer histórias de outros Surdos e decidi fazer a prova do vestibular e após aprovada, iniciei minha primeira graduação em Pedagogia na universidade, junto ao meu amigo Marcelo e com a Viviane. Nós três aprendemos muito por meio de trocas de experiência e conhecimento acadêmico, eu e o Marcelo sempre trocávamos conhecimentos, eu passei um pouco das expressões faciais e corporais, o reconhecimento aos direitos e a identidade Surda e ele aprendeu comigo; por outro lado, aprendi com ele a escrita do português e sobre a experiência que ele tem pelo contato com a cultura ouvinte, sempre me informando sobre a escrita e isso aprendi muito com ele, aprendi com estas trocas. Assim como na teoria de Vygotsky o conhecimento se constrói nas interações entre as pessoas, pude vivenciar isto na prática para a confirmação desta.

Quando iniciamos o curso de Pedagogia foi um pouco complicado, pois alguns professores não entendiam a grande diferença de identidades minha e do Marcelo. Durante o período de provas, precisávamos explicar sobre o direito de uma hora a mais para fazermos, devido à complexidade da Língua Portuguesa para nós e porque a tradutora/intérprete de Libras realizava a tradução nossos textos em ambas as provas, minha e do Marcelo e não era um processo fácil. Ademais, alguns colegas e professores não conheciam a Cultura Surda, assim precisávamos explicar desde o que é a Libras, até sobre o trabalho do intérprete de Libras, porque para eles seria muito importante este conhecimento, pois se tratavam de futuros professores que certamente estariam em contato com alunos Surdos, podendo com o conhecimento realizar os estímulos e ensino adequados e comunicando-se diretamente com eles.

Três anos se passaram nos estudos da Pedagogia e aprendi muitas coisas, além das que mencionei, relacionadas à área, como a construção de materiais pedagógicos; pesquisas acadêmicas sobre desenvolvimento de materiais educacionais; formações sobre como ensinar crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental; procedimentos didáticos; novos conhecimentos em contato com professores e colegas de trabalho; nas apresentações em grupo interagindo e pesquisando com os colegas; aprendi muito com os professores. Estes aceitaram o fato de eu ser Surda e me enxergavam como igual por ser humana e apenas diferente pela minha língua, assim me respeitaram e houve inclusão nestas relações entre ouvintes e Surda, de uma forma natural.

Este memorial de formação foi feito como Trabalho de Graduação abordando a trajetória de uma docente Surda, porque ao realizar pesquisas, os trabalhos que encontrei retratam a formação de docentes ouvintes, faltando a discussão das especificidades abrangendo a cultura Surda. Outros relatam a experiência em níveis diferentes, como no Ensino Médio, portanto conclui que este memorial poderia ser de contribuição para outros Surdos que buscarem conhecer sobre a formação acadêmica universitária.

Minha vida se transformou, participei como palestrante em mesas de debates; eventos; formação em curso na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS; seminários, congressos, projeto de extensão universitária e atuei como estagiária. Foram muitas experiências, ratifico que aprendi muitas coisas, como realizar pesquisas na área da educação e conhecimentos acadêmicos, pois os grupos que eu conhecia não estavam dentro deste âmbito para compartilhar tais conhecimentos; conheci a Lei de Libras e o Decreto que a regulamenta; realizei muitas pesquisas e aprendi muito com estas buscas a adquirir novos conhecimentos. Hoje me enxergo de uma forma melhor, pois estes anos me muniram de experiências e conhecimentos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alline Nunes; DE ALENCAR, Heloisa Moulin. Aspectos da identidade de surdos no âmbito da formação superior. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 58, p. 471-483, 2017.

BISOL, Cláudia Alquati et al. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 139, p. 147-172, 2010.

BORGES, Adriana Costa et al. Reflexões sobre a inclusão, a diversidade, o currículo e a formação de professores. In: **Anais Eletrônicos do Congresso Acadêmico Científico da UEG de Porangatu. 2013.**

BRASIL, Câmara dos Deputados. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, 2015.

BRASIL, Casa Civil. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais–Libras, e o artigo 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União, Brasília, DF**, 2005.

BRASIL. LEI Nº 11.796, de 29 de outubro de 2008. Institui o Dia Nacional dos Surdos.

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos. **doctorate dissertation, Florianópolis, Universidade Federal da Santa Catarina**, 2008.

CARDOSO, Israel Gonçalves. Surdo-Mudo ou Mudo, Deficiente Auditivo ou Surdo: Qual dessas terminologias pode-se adotar. **Revista virtual de cultura surda**, 2016.

DE FRANÇA OLIVEIRA, Krysne Kelly; PÔRTO, Chrystiane Maria Veras. Comunicação entre acadêmicos surdos e ouvintes na mediação da aprendizagem no ensino superior/Communication between hearing impaired and normal hearing students: a facilitative proposal of learning in higher education. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 22, n. 2, 2014.

GABARDO, Claudia Valéria; DE SOUZA HOBOLD, Márcia. Professores iniciantes: acolhimento e condições de trabalho. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 8, n. 2, p. 530-549, 2013.

GESSER, Audrei. **Libras? que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. Parábola Ed., 2009.

GESSER, Audrei. **Tradução e interpretação da Libras II. Material didático desenvolvido para o curso Letras Libras na modalidade a distância**. UFSC, 2011.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos**, n. 5, p. 217-226, 2003.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. **O Ser e o Estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade. 2003. 155 f.** 2003. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. Fundamentos da educação de surdos. **Florianópolis: UFSC**, 2006.

RIBEIRO, A. M. Curso de formação profissional em educação infantil. **Rio de Janeiro: EPSJV/Creche Fiocruz**, 2005.

SANTOS, Marcia Raquel Eleuterio dos. A contação de história na educação infantil na escola. 2014.

SÃO PAULO. Resolução Nº 38, de 19 de junho de 2009. Dispõe sobre a admissão de docentes com qualificação na Língua Brasileira de Sinais – Libras, nas escolas da rede estadual de ensino.

SILVA, Catia Cristina. A CORPOREIDADE PRESENTE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS, FATOR DETERMINANTE PARA TRANSMISSÃO DA MENSAGEM.

STROBEL, Karin Lilian et al. Surdos: vestígios culturais não registrados na história. 2008.

VIEIRA, Gislene Nunes ; RÉGIS, Hebe Cristina Bastos. Inclusão Escolar na Percepção do Aluno Surdo. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2012. Disponível em: https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/6_artigo.pdf acessado em: 2 de dezembro de 2019 às 17h

<http://www.maosemmovimento.com.br/setembro-azul/> acessado em 30 de novembro de 2019 às 08h.

<https://unitau.br/noticias/detalhes/2449/inclusao-social-e-tema-de-mesa-redonda-para-os-alunos-dos-cursos-de-historia-e-de-letras/> acessado em 1 de dezembro de 2019 às 19h.

<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/estudante-surda-muda-rotina-de-escola-e-ensina-libras-para-criancas-em-taubate.ghtml> acessado em 2 de dezembro de 2019 às 14h.

<http://web.unitau.br/noticias/2017/11/17/universidade-inicia-projeto-de-inclusao-nas-escolas-municipais/> acessado em 2 de dezembro de 2019 às 15h